24 MARÇO 1956

# Careta

TRÊS CRUZEIROS EM TODO O BRASIL

NÚMERO 2491
ANO XLVIII

3

CRUZEIROS

Moderno tratador
CABELOSAN
EXTINGUE A CASPA, EVITA A QUEDA
DÁ BRILHO, VIGOR E BELEZA
AOS CABELOS
Um produto das Indústrias Antisardinha

JORGE SCHMIDT
Fundador

# Careta

ROBERTO SCHMIDT
Diretor responsável

GERÊNCIA,
REDAÇÃO E OFICINAS
RUA FREI CANECA, 383
END TEL. KOSMOS
Rio de Janeiro
TELEFÔNIO 32-3721

Este número contém 44 páginas

## LOOPING the LOOP

### PÉSSIMAS FALAS !

A PARTIR do n.º 2493, ou seja do primeiro número de Abril próximo vindouro, passará o preço avulso desta revista a ser de quatro cruzeiros em todo o Brasil. Esse aumento, infelizmente, não promete vir a ser duradouro, porque mal cobre êle o crescimento de despezas, salários e impostos ocorrido desde a majoração anterior, e também porque o custo de produção continua subindo assustadoramente. Sucede, portanto, que êsse preço em perspectiva nem sequer nos permitirá cogitar da aquisição de novas máquinas para a impressão da revista nem mesmo de a desenvolver em sua parte gráfica ou literária. Teremos que permanecer na estaca atual, aguardando que as próximas loucuras administrativas, que todos esperam, venham obrigar-nos a novos aumentos. Essas novas loucuras não há quem não saiba quais sejam: — São o aumento brutal dos impostos, que deverão cobrir deficit orçamentário que se anuncia de várias dezenas de bilhões de cruzeiros, e que são oriundos de despezas orçamentárias e extra-orçamentárias incontroladas; a nomeação, por atacado, de verdadeiro exército de correligionários políticos para a burocracia; e a facilidade e inconciência com que o mais infame parlamento que já houve nesta terra vota aumento de sôldos e vencimentos com o que suborna os beneficiados e coonesta próximo e nove aumento próprio !

São também as novas majorações salariais, já em cogitação, inclusive o alucinante projeto de quase dobrar o atual salário mínimo, o qual, como todo mundo deve estar recordado, foi responsável pelo brutal encarecimento do custo da vida, há coisa de dois anos.

São, igualmente, a pretendida desvalorização cambial do cruzeiro, medida que acarretará tal elevação do custo da vida que ninguém, nem mesmo os individuos mais pessimistas, será capaz de prever tôda a magnitude da desgraça que ocasionara.

Se os loucos furiosos que desgovernam êste desgraçado país houverem por bem levar avante tais projetos suicidas, ninguém tenha dúvida de que as conseqüências decorrentes obrigarão as emprêsas jornalísticas a dobrar e talvez triplicar o atual preço de venda avulsa dos jornais e das revistas, dependendo tal aumento do grau de desvalorização a que venham submeter o infortunado cruzeiro.

Claro está que o que acaba de ser dito se refere à imprensa honesta, independente, digna e patriota, ou seja àquela que vive exclusivamente do favor público, isto é, do leitor que a adquire e dos anunciantes comerciais que dela se servem para propagar seus serviços e suas mercadorias. A outra imprensa, a venal, a que está "espetada" até o âmago no Banco do Brasil, no da Prefeitura, nas Caixas Econômicas, no S.E.S.I., no S.E.S.C., e nas seções de propaganda das Autarquias e dos Ministérios, talvez o aumento lhe seja coberto mediante concessão de ainda maiores propinas por parte do mesmo govêrno. Esta última imprensa é muito fácil de ser reconhecida: é aquela que está sendo editada com luxuosas policromias, com grande número de reportagens fotográficas pagas a pêso de ouro, e que, por isso que não tem independência, faz-se cega, surda e muda diante do descalabro que está arrazando o país.

De maneira que o leitor avisado é aquêle que não deixa de adquirir o jornal ou revista que lhe defende os direitos, para comprar aqueles ou aquelas que lhes dão luxo pago com o dinheiro do Erário, que é o mesmo que dizer: o dinheiro do povo.

(Continúa na página 5)

## Apetite

J. K. — Você precisa dar fim a isso!
Alkimin — Fim, como?! Ela **traça** tudo; é insaciável!

# Quando elas passam

COMO a origem das coisas é sempre difícil de descobrir, ninguém sabe se as mulheres têm o hábito de passar por certos lugares (a Avenida, por exemplo) devido a haver aí basbaques, ou se os basbaques vão para êsses lugares porque aí passam as mulheres. Nunca se celebrou acôrdo para isso, mas o fato é que, onde há basbaques, as mulheers passam e onde as mulheres passam há basbaques. E' naturalmente um caso de tropismo recíproco.

Há, no nosso folclóre, uma quadrinha segundo a qual

*Manoel, para ver as moças,*
*Fêz uma ponte de prata;*
*As moças alí não passam*
*E Manoel quase se mata.*

Manoel, com perdão dos batizados com êsse nome duas vêzes régio, é nome de sujeito bonachão. O povo até criou o tipo de Manoel-Balaio e não adiantou nada o fato de certo político exigir que lhe grafassem o nome com U, sob o protesto de que Manoel com O é caixeiro de venda. O tal que fêz a ponte de prata foi um palerma, por se persuadir de que as moças iam passar pela ponte só por causa dêle, que praticou a tolice de custear sòzinho as despezas, em vez de constituir um sindicato de basbaques.

Essa questão de faunos de soleira e ninfas de "trottoir" tem sofrido aqui com o tempo certas modificações, notadamente nas exclamações admirativas, que vão evoluindo de modo prático.

Há cinqüenta anos dizia-se, no apêrto da rua do Ouvidor, à passagem de uma Eva deslumbrante:

— Que anjo!

—Que deusa!

Hoje é outra a moeda corrente do elogio:

— Que pedaço! Que uva!

Já na "Morgadinha de Val Flôr", que há noventa anos inflamava as nossas platéias, dizia a gata: "a deusa caiu do Olympo e transformou-se em mulher!" Tal qual no Rio de Janeiro!

Por outro lado não sei se hoje haveria espírito bastante para esta réplica, de outros tempos: ao passar uma jovem muito baixinha, vestida de verde, disse um elegante:

Tanta salsa para tão pouca comida!

E ela:

Tão pouco capim para tão grande burro.

Não sei também se ainda haverá, como outrora, retinas impressionáveis, que guardavam as imagens fugazes da rua para versejar mais tarde:

*Ei-la que passa... Tôrre de ala-*
*[bastro!*

Eu, se fôsse mulher, não me sentiria lisonjeada com essa comparação, mas as mulheres talvez não tomem as coisas tanto ao pé da letra.

E' um dos caraterísticos do Rio a cotidiana revista de mostra que se realiza em Copacabana, com agravação aos sábados, e, como coisa caraterística que é, longe de ser suprimida, deve ser aperfeiçoada, estilizada, como é mais moderno dizer-se.

Devia-se reservar um trecho

dos passeios do nosso grande arrabalde à passagem exclusiva das belas. Seria assim uma espécie de "Mercado de Muchachas" em grande estilo. Os basbaques, isentos do impertinente *circulez*, fariam alas, e as tôrres de alabastro iriam passando.

O poeta português, Cesário Verde, perpetrou certa vez, um soneto no qual descrevia a passagem de uma criatura divina, mas de carruagem. O vate ajoelhou-se (no soneto) em plena rua. Ramalho Ortigão, tendo lido êsse trabalho literário, fêz votos para que o poeta se tornasse mais cesário e menos verde.

Creio que é em Madri que os "granfas" exclamam, à passagem das *hermosas*:

*Bendita sea tu madre !*

E' expressivo e é gentil. E' também prático, porque vai logo amaciando uma sogra virtual.

◇

## LOOPING THE LOOP

### PÉSSIMAS FALAS ...

Entrementes, enquanto se vive a propalar a próxima futura reforma cambial, que virá aumentar o já abusivo lucro dos produtores de café (o preço médio de custo da saca não chega a oitocentos cruzeiros, enquanto é essa saca financiada na base de dois mil e quatrocentos ditos !!!), a cotação da rubiácea, como não podia deixar de suceder, cai na bôlsa de Nova Iorque, em conseqüência dos boatos de desvalorização do cruzeiro. Porque não há quem ignore — exceção feita dos nossos obtusos administradores e dos ambiciosos usufrutuários da desvalorização — que tal reforma será tremendamente d a n o s a aos interesses nacionais. E tanto assim é que os norte-americanos, os maiores interessados nela, promovem "enquêtes" para que os importadores daquele país insinuem:

**"O GOVÊRNO BRASILEIRO DARA' UM PASSO MUITO ACERTADO AJUSTANDO O CRUZEIRO À REALIDADE CAMBIAL".**

Claro que êles desejam tal coisa, pôsto que com essa medida só terão a ganhar. Passarão a adquirir nossos produtos por muito menos dólares, enquanto continuarão a vender-nos os dêles na mesma ba-e ouro atual...

Onde ficará, portanto, o interesse iminentemente brasileiro ? Será no conceder mais papel pintado a um grupo de privilegiados, que já é bafejado como o lucro de 300%, ou em obter mais ouro pelas nossas exportações ?

Nesta terra, entretanto, o que não presta cria raizes ! No crânio óco dos pobres de imaginação que governam êste país, a reforma cambial parece já haver deitado raizes, qual a metástase de um tumor maligno...

*Bob*

## PUJANÇA

Sob a direção de um técnico, um grupo de curiosos visita as instalações duma grande fábrica de automóveis e outras máquinas modernas.

— Êste "robot" — disse o guia — é modêlo automático. Faz o trabalho de cento e vinte homens.

Um dos visitantes, magro e pálido, olhou estasiado a máquina e suspirou:

— E' exatamente o "tipo" com que minha mulher devia ter-se casado...

x ✧ x

## O ROUXINOL

Segundo a mitologia, o rouxinol é produto da transformação de Aédon, espôsa de Zetus, em ave. Tendo ela ciumes da numerosa família de Niobe, sua cunhada, decidiu-se a estrangular Amaneu, filho primogênito da sua rival, e, por engano, matou seu próprio e único filho, Itilo. Entregue às fúrias, matou-se, no auge do desespêro. Os deuses, movidos de compaixão, transformaram-na em rouxinol.

SUPERFIXO
Alisa qualquer cabelo
O CAMPEÃO DOS FIXADORES NÃO É GOMOSO
SEIVA DE MUTAMBA
A VIDA DOS CABELOS
O MAIOR PRODUTO DE TODOS OS TEMPOS PARA PRESERVAR O VIGOR E A BELEZA DOS CABELOS
FINAMENTE PERFUMADO E DE APLICAÇÃO AGRADABILISSIMA
PETRÓLEO - ÓLEO - BRILHANTINA.
LABORATORIO SEIVA DE MUTAMBA - RUA VITÔR MEIRELES, 68 — RIO
PELO REEMBOLSO: — (Quantidade mínima) SUPERFIXO — 6 vidros a Cr$ 20,00
PETROLEO SEIVA DE MUTAMBA — 6 vidros a Cr$ 35,00

# Comedia infinita

PARA o Instituto Nacional do Livro, que era dirigido por um grande escritor, o sr. Augusto Mayer; nomeou o sr. Clóvis Vitupério Salgado, um tal de Zé Renato.

Ninguém sabe quem é Zé Renato. Talvez seja sanfoneiro ou locutor de alguma emissora do Interior de Minas...

: ✧ :

**Constituiu-se a Comissão Executiva do P.T.B., na qual o cargo de Tesoureiro Geral coube ao Sr. Carlos Linho Irlandês Jereissati.**

**Até no seio do seu Partido êsse senhor gosta de tomar posição em que tenha o dinheiro ao alcance da mão... E o P.T.B., como se vê, prestigia o Jereissati até ao próprio sacrifício...**

: ✧ :

O Presidente do Serviço Social Rural foi nomeado pelo sr. Nereu Quisling Ramos a toque de caixa e se chama Rubens Montequilla Farrula.

Êsse nome faz lembrar a antiga CEL, isto é, o monopólio da distribuição do leite nesta Capital, grande negociata imaginada e posta em prática pelo Alzirante Amaral Pexote.

Assim, Farrula no Serviço Social Rural cheira a negócio.

: ✧ :

**Os cinemas conseguiram, afinal, o aumento dos ingressos, sem nenhuma obrigação quanto à melhoria das instalações, que são, em geral, verdadeiros chiqueiros**

**O assunto foi resolvido no Catete, onde o Cel. Brissac capitulou. Não obstante, êle e a COFAP continuam...**

: ✧ :

Espera se que o Congresso vote a qualquer momento o impedimento do sr. Juscelino. E' que alguns oficiais da Aeronáutica declaram-se em desobediência ao Govêrno J. J.

Trata-se de simples gesto de coerência do Congresso, que assim procedeu em relação aos Srs. Carlos Luz e Café Filho, quando o Gen. Lott resolveu que não mais acataria a autoridade daqueles Presidentes sucessivos...

O Maj. Veloso, o Major Vitor e o Cap. Lameirão apenas repetiram a atitude do Gen. Lott.

: ✧ :

**Até agora os juscelinistas não se conformaram com o Ministro imposto pelo Alzirante Amaral Pexote, o Comt. Meira.**

**Ora, podia ter sido pior, podia ter sido o Cel. Feio.**

: ✧ :

No noticiário das atividades do P. T. B. aparece o sr. Hilton Iapetc Santos como elemento ora vinculado àquela agremiação. Convém recordar que êsse sr. Hilton Santos é aquêle que foi presidente do IAPETC, donde saiu com escândalo e má fama. Era pessedista de pôa e dizia-se dutrista rubro... Sua presença agora no P. T. B. indica que essa agremiação faz mesmo questão de açambarcar todos os elementos de reputação duvidosa.

: ✧ :

**O Sen. Lourival Desgrenhado Fontes disse que no "livro do Gen. Góis só a pontuação está certa".**

**O Senador não foi, nem uma vez, mencionado pelo General Góis...**

: ✧ :

Fala-se na criação do Ministério da Defesa. O candidato mais antigo ao provimento de Ministro da Defesa é o "tenente" Gregório Fortunato

: ✧ :

**Do festejado colunista do "Café Society", a propósito de recepção recentemente oferecida pelo Senador Napoleão Alencastro Guimarães, no seu suntuoso apartamento:**

**"Na varanda funcionava (sic) a orquestra do Copa e a dança acontecia (sic). Nos salões as senhoras elegantes e os homens de cravo na lapela conversavam e tomavam drinques. Mais tarde foi servida uma formidável ceia e a festa continuou pela madrugada afora. (sic)." Três burrices em tão poucas linhas!**

**O Senador Alencastro Guimarães é trabalhista, mas principalmente foi Diretor da Central do Brasil...**

ASSINATURAS
DE
Careta
REGISTRADAS
6 (Seis) MESES .. Cr$ 120,00
1 ANO ..... Cr$ 230,00

## O ESTRAGO DO AR

A covardia animal sempre levou o homem a esperar tudo de cima. Mesmo depois que, com lentidão vergonhosa, êsse bípede imperfeito aprendeu que, do ponto de vista astronômico, em cima e em baixo são situações relativas, mesmo depois disso o homem, nos momentos de aflição, olha para cima, transportando para o domínio nobre da Natureza o hábito mesquinho de bajular as pessoas altamente colocadas...

Não obstante sua constante apelação para o Espaço, deu o homem para estragá-lo.

Desde que o vapor se deixou escravizar dentro de um cilindro para mover um êmbolo e as chaminés começaram a vomitar rôlos de fumaça negra, que sobem verticalmente ou se inclinam ao sabor do vento, mas acabam sempre corrompendo a atmosfera.

Depois vieram as altas habitações. O homem, que até então só respirava a grandes alturas, quando se atrevia a galgar as montanhas, passou a conspurcar o meio gasoso, lançando-lhe os detritos das combustões orgânicas.

Depois veio a navegação aérea.

O homem e a máquina percorrem o espaço, ambicionando subir cada vez mais e deixando lá em cima um rasto de impurezas de que a atmosfera estava livre.

Não contente com a corrução que leva em tôdas as direções, o homem rouba ao ar seus elementos. Rouba-lhe o oxigênio e engarrafa-o. Rouba-lhe o azôto para fertilizar o solo e assim lhe irá roubando outros gases desde que lhes descubra uma aplicação lucrativa.

Dentro de algum tempo quase todos os males da terra se reproduzirão no espaço. Não vai longe a era em que dêle só se esperavam bênçãos, porque se julgava que ali habitavam os justos e a Suprema Justiça. Agora também se esperam, em tempo de paz, as quedas desastrosas, e, em tempo de guerra, as bombas assassinas.

Muito não tardará que os desejosos de tranquilidade tenham que apelar para os espaços interplanetarios.

Mas o homem viciando o ar e espoliando-o, é o animal inconsciente que desliga do tronco, a bicadas, o galho em que pousa. Um dia, a atmosfera não poderá mais satisfazer as nossas necessidades respiratórias, porque a composição do ar estará alterada e já não existirão florestas que possam regenerá-lo.

A humanidade sucumbirá por asfixia lenta.

E, além dessa calamidade, não deixarão de existir individuos que, absorvidos pela preocupação de profetizar, serão capazes de morrer por se esquecerem de respirar.


Creme de Barbear
COLGATE

Barbeie-se todos os dias sem irritar a pele, usando o Creme de Barbear COLGATE Contendo **Glik**, um novo ingrediente suavizante que realmente faz bem a pele, o Creme de Barbear COLGATE com sua espuma ativa e penetrante permite um barbear rapido e confortável.

EXPERIMENTE HOJE MESMO
Cr$ 15,00

COMPLETE A BARBA COM AGUA COLGATE - AGRADÁVEL E REFRESCANTE!

FARMÁCIA SIMÕES — Rua Matoso 33 — RIO

## DEVE-SE SABER QUE...

... nos casos de epilepsia obtêm-se excelentes resultados com a abstinência completa do sal, na alimentação.

Por falar em sal, é curioso saber que, estendendo-se o sal que se encontra nos oceanos, formar-se-ia camada de oito centímetros de espessura, que cobriria tôda a superfície terrestre.

# Conselhos

Meu amigo.

Mandas pedir minha opinião sôbre teu projetado casamento. Em primeiro lugar, casamento não se projeta: acontece. Cái como um raio, como um furacão, como uma parede velha... E' uma fatalidade física como a chuva e o granizo.

Passemos ao teu caso concreto. Podes casar pela razão mesma porque tens o direito de fazer tolices. Não é que o casamento, em si, seja tolice. Ao contrário, é uma bela coisa, muito santa, muito honesta. O que estraga o casamento são... os maridos e as mulheres. Se não houvesse maridos e mulheres todo mundo seria noivo.

Que confiança se pode ter em um remédio para fazer nascer cabelos, cujo inventor, entretanto, é careca ? Que esperança pode ter-se de ser feliz no casamento se existem, para desanimar-nos, tantos maridos e mulheres que constituem a pior propaganda a favor do casamento ?

De duas uma: casas por amor ou por interêsse. Entregas-te sem condições ou vendes-te mercantilmente. Em qualquer hipótese estás desgraçado. Se casas por amor e és rico, viverás sempre torturado pela suspeita de que a mulher gostou do teu dinheiro e não de ti. Se casas por amor e és pobre, tens 99 probabilidades em cada 100 de seres desgraçado.

## FALTA DE SORTE

QUARESMA andava mal de vida. Empregado subalterno em escritório de um chefe que era integral unhas-de-fome, tinha feito timidamente, várias vêzes, um pedido de aumento de ordenado, sem que o harpagão intratável lhe houvesse atendido a pretensão. E esperava, sem grande esperança, que um dia àquele mísero ordenado se acrescentasse uma quantia, pequena que fôsse, capaz de habilitá-lo a solver certos compromissos com credores nada amenos na cobrança. E enquanto esperava, iam-se avelhantando os vestidos da mulher e puindo as roupinhas dos garotos, por não falar nos sapatos dêle, chefe da família, que já abriam hiantes bôcas de jacaré.

Quaresma não era burro. Sentia agudamente a situação e submetia-se a um exame de consciência, a perquirir a razão por que não ascendia na hierarquia funcional, por que lhe recusava sempre o patrão um aumento de ordenado. E tendo meditado

# Epistolares

Será preciso que tua mulher tenha horror ao dinheiro — essa coisa fatídica pela qual, hoje, elas fazem todos os milagres — até mesmo o de serem fiéis a quem as ama ! Um saco de libras pesa sempre mais do que um coração, embora êsse coração seja de boi...

Se a mulher é rica e tu pobre serás também infeliz, porque as mulheres ricas são geralmente bastante imbecis para supor de que só o dinheiro delas tem valor.

Ainda que sejas um Pasteur e os bens de tua espôsa não passem de cinco cabeças de bode, essas cabeças de bode, para ela, valerão mais do que a tua cabeça de sábio... E' fatal em tal caso a infelicidade.

Só tens um meio de ser feliz em matéria de mulheres: é não amar nenhuma delas. A menos que sejas cínico ou idiota: duas qualidades que garantem, igualmente, a insensibilidade do coração. Neste caso, estás de parabéns: podes casar-te e convidar todos os amigos que ainda ficarão mais contentes do que tu mesmo... Serás então um benemérito e encontrarás fàcilmente quem te ajude a suportar o pêso da existência !

Adeus, meu caro futuro marido.

*B. N.*

muito no caso, não tardou a atribuir à sua excessiva timidez o fracasso das suas aspirações.

Havendo chegado a essa conclusão, viu logo Quaresma que estava em suas mãos o remédio para o mal. Em vez de solicitar humildemente, como quem pede esmolas, o aumento a que se julgava com direito, o que lhe cumpria fazer era botar de lado a timidez, erguer o busto, arranjar um olhar *magnético* e entrar brusca e impàvidamente no escritório do chefe e, falando do alto, impôr-lhe condições. Os chefes, contra tôda a aparência, gostam dos homens enérgicos e voluntariosos.

Era coisa decidida. No dia seguinte empurraria a porta da "Diretoria", sem pedir licença, e falaria ao homem.

Nada disse à mulher. Ia fazer-lhe uma surprêsa. Meteu-se na cama, respirou fundo e puxou o lençol até ao queixo.

Na manhã seguinte, por azar, perdeu a condução e chegou atrazado ao escritório. O chefe já lá estava. Quaresma tirou o paletó, ergueu as mangas, deu três passos, pegou na maçaneta da porta do chefe e empurrou-a violenta, decididamente, como homem que vai dominar a homem.

A porta abriu-se e como o patrão vinha saindo, levou pela cara a vidraça, que se fêz em cacos e ainda lhe partiu os óculos.

O resto fica por conta do leitor.

## Vida cara

— A vida está mesmo ficando muito cara
— Muito ! Nas próprias feiras livres os preços estão ficando **ferozes**

# A Lógica

O SENHOR gorducho e a jovem "vamp" tinham acabado de jantar opiparamente, lá fora, na esplanada do Cassino, e dirigiam-se agora ao salão de jogos.

Êle era individuo dos seus cinqüenta anos, baixinho mas nutrido de carnes, o rosto bem tratado, vestindo a rigor, charuto entre os dentes — tipo 'medianeiro entre marchante aposentado e nababo em gôzo de férias...

Ela, jovem vistosa, de vinte e poucos anos, tôda num chiquismo esfuziante, ombros nus, colar de pedrinhas escarlates ao pescoço, cabelos fulvos puxados à esquerda — perfeita tentação ao amor pecaminoso.

— Nada mais! — Repetia nesse momento o "croupier" da banca n.º 1, logo ali à entrada, percorrendo com a vista os "clientes" da sua mesa, que tomavam agora expressões de alucinados.

Ouviram-se depois os últimos estalidos da pequenina bola branca que saltava de forma enervante.

O senhor nutrido e a sua encantadora companheira não se demoraram ali. Sempre juntinhos, atravessaram aquêle salão, atiraram uma olhadela furtiva ao "bacarat", e só "lançaram ferro" próximo da última banca, ao fundo da casa.

Logo um sujeito alto e magrinho, de aspeto carnavalesco, veio ao encontro dos dois e, dobrando-se pelo meio, beijou a mão que a rapariga lhe estendia. Depois perguntou, muito dengoso, em voz de falsete:

— E que tal de prejuizos, "mademoiselle"? Já perderam muito?...

— Por enquanto, nada! — Respondeu ela, rodopiando tontinha. — Chegámos agora mesmo. Vamos começar.

— Eu hoje não jogo — exclamou o senhor gorducho, a secar disfarçadamente as bagas de suor que principiavam a inundar-lhe a enorme testa. — O domingo fêz-se para descansar! Esta noite estou de folga!...

— Pois sim, mas empresta-me dinheiro! — disse a rapariga, dando uma gargalhadinha extemporânea.

— Então tu não tens dinheiro contigo, "Zélita"? — Perguntou o senhor nutrido, fixando-a com ar de dúvida.

— Tenho... mas só quinhentas "pratas". Para que chega isto!?

— Quanto precisas?

— Dá-me cinco mil, até ver. Hoje palpita-me o vinte e seis! E' número de sorte!...

E, voltando-se para o indivíduo candidato a poste telegráfico:

— Henrique! Esta noite tem saído muitas vêzes o vinte e seis?

— Uma única vez, que eu saiba, "mademoiselle"! — Respondeu êle, tornando a dobrar-se pelo meio.

E a jovem "vamp" iniciou então o seu jôgo.

—+—

Aquêle palpite formidável pelo número vinte e seis deu-lhe logo para carregar de fichas de cinqüenta "mangos" todos os números que lhe ficavam ali mais à mão, num desprendimento inaudito pelo dinheiro.

Assim jogou durante umas cinco paradas e, ao cabo, restavam-lhe apenas duas daquelas fichas. Todo o resto se fôra na "levada"...

Gareta

# Feminina...

Aproximou-se então do seu nutrido companheiro e, num arroubo de ternura, interrogou:

— Então o queridinho não quer jogar ? Vá lá: nem que sejam só estas duas fichinhas...

— Se isso te dá prazer, faço-te a vontade !

Pegando nas duas fichas, colocou-as sôbre a banca e ficou aguardando um instante. Perdeu-as.

— Olha, querido: — voltou ela a gorjear, muito meigamente — empresta-me mais algum dinheiro. Vou mudar de lugar. Desta vez ganho.

— Quanto queres ?

— Dá-me cinco. Daqui a pouco já os devolvo. Verás que é um instante.

— Aqui estão mais cinco contos ! — disse êle com mau modo — Mas tem cuidado "Zélita", poupa o dinheiro !...

Prometo ! Então e tu não jogas ? Toma lá mais três fichinhas ! Vai divertir-te !

Ela afastou-se e foi tomar lugar a outra roleta.

Assim andou quase duas horas, arriscando dinheiro ora numa banca ora noutra, sempre agarrada àquela sua fé inabalável no vinte e seis, e sempre a carregar de fichas todos os números, numa alucinação de fazer dó...

Por fim, voltou a aproximar-se do seu companheiro e, sorridente, exclamou:

— Pronto ! Foi-se tudo ! E o vinte e seis sem sair !...

— Agora não te posso dar mais dinheiro, "Zélita" !

— Só mais cinco mil cruzeiros, queridinho ! Só mais cinco ! Fica descansado que os pagarei ! Olha, toma esta ficha de vinte cruzeiros ! E' o que resta. Anda, vai tentar a sorte !

— Mais cinco mil cruzeiros ! — murmurou o homenzinho gorducho num suspirar miserável, enquanto levava a mão ao bolso.

—◇—

Saíram dali às três horas da manhã.

Vinham ambos mal humorados, ambos saudosos de tanto dinheiro derretido estùpidamente.

Já cá fora, aguardavam que o rapaz da porta lhes chamasse o carro.

Êle lançava-lhe insultos a meia-voz, verdadeiramente enraivecido contra tanta cretinice da sua linda bonequinha.

Ela ouvia-o compassiva, resmungando apenas, mas por fim entendeu também ser o momento de se abespinhar e, então, reagiu nestes têrmos:

Por que estás a atirar-me culpas ?! Já sei ! Já ouvi ! Foram quinze mil cruzeiros... E depois ?! Vocês fazem-nas e descarregam em nós ! Olha, meu filho, eu cá não perdi nada ! Os quinhentos cruzeiros que trazia comigo ainda aqui os tenho na bôlsa ! Queres vê-los ?


**Com ÓLEO DE LIMA penteado Êle vive sempre encostado..**

Faça como o rapaz que sabe viver..! use tambem ÓLEO DE LIMA, que é produto cientificamente preparado, sem goma nem gordura. OLEO DE LIMA amacia os cabelos sem empastar, facilitando o penteado.

OLEO DE LIMA

## No cadafalso

— E' a segunda vez que me enforcam !
— Segunda ?!
— Sim. Sou casado...

## "Envenenadores do Povo"..

VIVEMOS numa terra em que se pede tudo aos governos, em que a propósito de tudo se critica aos governos em que aos governos atribuimos a responsabilidade de todos os nossos males. Entretanto pouca gente se dá conta da parte de culpa que cabe ao próprio povo e em especial a certas classes que opõem às medidas do govêrno todos os óbices, que lhe burlam as medidas em favor da comunidade.

Veja-se o caso dessa burocracia tardígrada, máquina emperrada a servir um país que quer ir para a frente. Atente-se nos "fazedores de deserto", que encaram nosso código florestal como letra morta e vão abatendo por sistema nossas matas, preparando dificuldades para as gerações futuras. Esquadrinhe-se essa organização solerte e poderosa dos que insinuam pelas malhas da Alfândega tôda espécie de moamba, desde aparelhos de rádio até automóveis de luxo... Examine-se tudo e em tudo se encontrará a burla a tôdas as leis e regulamentos custosa e inùtilmente guardados, defendidos por autoridades públicas que acabam cansando, descoroçoadas pela pertinácia dos contraventores muitas vêzes poderosos e sempre impunes.

O caso mais grave, porém, e revoltante, porque afeta a saúde da população, é o da bromatologia. Em nossa terra corrompe-se, adultera-se ousadamente tudo que é produto alimentício. Vende-se, por preço alto, o leite aguado e sujo, a carne corrompida, os legumes e frutas apodrecidos. Todo um corpo de funcionários é empregado em reprimir êsses crimes — e isso em pura perda, porque os criminosos formam legião e suas atividades são difíceis de acompanhar.

O caso recente de certo *Café Lusitano* (êsses lusitanos !) em que as autoridades sanitárias descobriram pedaços de madeira torradas de mistura com o grão, recorda-me a conversa ouvida entre torradores que confessavam abertamente moer, com o café, açúcar, palha de café, milho e quanta coisa mais possa passar como "preciosa rubiácea". Não escondem o crime e zombam ainda das autoridades que os processam porque sabem que processo nessa matéria, entre nós, *dá em nada*...

O caso é que êsses hômens vendem, pelo preço de café, a 50 cruzeiros o quilo, o milho torrado que custa cinco, o açúcar que custa nove e a palha, que não custa nada. Vejam que negócio e que fortunas rápidas facultam !

Isso, porém, é nada, comparado ao que fazem certos negociantes em carnes, principalmente em carne de porco. Referiu-me não há muito um sitiante que, contando a um dêles ter perdido, de *batedeira*, vários porcos da sua granja, declarou-lhe o meliante que, se tivesse sabido do caso, teria comprado os cadáveres dos animais doentes para vendê-los nos açougues que possuia.

Pergunto: é possível governar essa gente ? E pergunto mais: quando teremos um govêrno bastante forte para pegar meia dúzia dêsses bandidos e, para escarmento, encostá-los a um muro e fusilá-los sem piedade ?

*Zeferino*

## REVÓLVER CONTRA CAÇAROLA

O velho Arnaldo Valente tinha uma loja de miudezas. Apesar do sobrenome era septuagenário pacífico e quase sempre encontravam-no dormindo, na loja, o sono dos justos. Uma tarde, acabava êle de abandonar-se aos braços de Morfeu, quando entrou no estabelecimento João Luís, o pasteleiro vizinho:

— Ei ! Diga-me ! — gritou o visitante — Dorme você ?

Acordando sobressaltado, mas ainda sonolento, o negociante pôs-se a gritar, sem saber por que:

— Pega o ladrão... Pega o ladrão !

— Está louco ?

— Pega o assassino ! — bradava Valente e, pegando uma caçarola, vibrou-a na cabeça do inofensivo fabricante de doces, o qual, indignado, tirou do bolso um revólver...

— Para trás ! — intimou — Ou atiro

À guisa de resposta recebeu violenta panelada na testa... Atirou... O velho das miudezas, porém, continuou a ameaçá-lo com a caçarola. As três balas não atingiram, felizmente, ninguém. A chegada do queijeiro e do taberneiro pôs fim à batalha homérica... Os dois amigos, que tão estranhamente se tornaram inimigos, decidiram comparecer perante a Justiça.

Bochechudo, pançudo como um Buda, Valente espôs suas razões:

— Não estava bem acordado e pensei que estava sendo atacado por um ladrão... Então peguei da caçarola para defender-me, mas Luís quase me mata a tiros de revólver.

João Luís, a quem só faltava a sacola de brinquedos para ser tomado, com suas longas barbas de neve, por Papai Noel, respondeu:

— Quando ouvi Valente gritar: "Pega o ladrão !", fiquei maluco, julgando que êle estava doido, tanto mais que êle brandia uma caçarola como maça (sic)... Então, Virgem Santa ! Defendi minha pele (resic).

A bôa fé dos dois contendores estava esclarecida e o julgamento lhes foi favorável. Não voltaram, todavia a ser amigos:

— Velho maluco ! — despediu-se João Luís.

Valente replicou:

— Velho cretino... Nunca mais comerei um pastel em tua casa !

— Nem eu suportarei caçarolas da tua !

—•—

## O SÁBIO E O GUARDA-CHUVA

*O grande sábio atômico Jaques Yvon, que acaba de ser elevado à dignidade de oficial da Legião de Honra, dispunha-se a sair para rápido passeio.*

*— Leva o guarda-chuva — recomendou-lhe a espôsa — Chove.*

*Meia hora depois Yvon voltou à casa. Estava encharcado.*

*— Onde está o guarda-chuva ? Perguntou inquieta a espôsa.*

*— Perdi-o... — respondeu o sábio, com gesto vago.*

*A senhora Yvon estava acostumada às distrações do marido. Entretanto, insistiu:*

*— Quando percebeste que o havias perdido ?*

*— Quando parou de chover. No momento em que quis fechá-lo.*

°


**UM BOM PENTEADO**
**ÓTIMA APRESENTAÇÃO**

WELLA

Não esqueça êste preceito! Lembre-se de que os seus cabelos também podem realçar a sua personalidade.
Use, pois, pela manhã, o específico creme

**WELLAFORM**

e apresente-se sempre impecàvelmente penteado, com os cabelos brilhantes e protegidos.

**WELLAFORM** – *creme para pentear, à base de Kolestral*

**à venda em tôdas as casas do ramo**

# TRICAS E FUTRICAS

Depois da "Batalha da Presidência", comandada, da retaguarda, pelo "general" Zé Antônio Flôres da Cunha, a Câmara voltou à sua rotina parlamentar: café, papo, intrigas políticas, às vêzes discursos em grande estilo. Enquanto isso, Jango manda, Lott garante, Juscelino obedece. E o Brasil continua, graças a Deus.

*Jango Goulart*

x ✧ x

As marchas e contra-marchas, em matéria de nomeações, no Ministério da Educação e Cultura, estão enchendo de inquietação os amigos e candidatos do sr. Clóvis Salgado: mesmo depois de nomeados, êles não se sentem seguros... Coitados! Como sofre um candidato de ministro a cargo importante...

*Clóvis Salgado*

x ✧ x

A próxima safra de embaixadores do Brasil vai ser supimpa: Amaral Peixoto em Washington; Chateaubriand em Londres; "general" Flôres da Cunha em Buenos Aires (que pena não ser no Vaticano!); Rui Santos em Montevidéu. Por que não mandam o "Tenente" Gregório para a Libéria? Seria uma compensação para as suas agruras e sofrimentos, tão compungidamente lamentados pelo famigerado juiz Aguiar Dias.

*A. Chateaubriand*

*Rui Santos*

x ✦ x

Reflexões do Embaixador J. C. Macedo Soares:

— Se o Snr. Juscelino continuar a falar como tem falado até aqui, temos que arranjar uma vaga para êle na Academia.

*J. C. Macedo Soares*

x ✧ x

Eis aqui uma verdadeira "invitation a la valse": o general Nelson de Melo anunciou que o Brigadeiro Alves Sêco ia demitir-se do Ministério da Aeronáutica. O Brigadeiro desmentiu. Mas a verdade é a seguinte: o Brigadeiro Alves Sêco nunca pretendeu demitir-se. Quem espera que êle se demita — e por motivos óbvios — é o sr. Juscelino Kubitschek.

*Alves Sêco*

A informação do general Nelson de Melo foi apenas uma sutil "invitation a la valse"...

x ✧ x

A condenação do sr. Ademar Chevrolet de Barros liquidou simultâneamente um ministro (o sr. Maurício de Medeiros) e um partido (o P. S. P.). Quanto ao sr. Ademar Chevrolet de Barros, êsse nunca existiu, apesar do seu volume: era um mito.

*Ademar de Barros*

x ✧ x

No reajustamento dos funcionários, dois deputados tiraram, pessoalmente, as suas vantagenzinhas: o sr. Raniere Mazzilli (fiscal de Consumo) e o sr. Cesar Prieto (Funcionário do Impôsto de Renda). Ambos introduziram emendas no projeto beneficiando as suas respectivas classes, isto é, beneficiando a si mesmos!

Grandes brasileiros!...

x ✧ x

O P. S. D. baiano aderiu em massa ao sr. Balbino, deixando o sr. Régis Pacheco a falar sòzinho. Comentário do sr. Baleeiro:

— Só teve surprêsa quem não conhece o P. S. D. O partido não é dêste nem daquele chefe nem do govêrno. No tempo do Régis, era do Régis. Agora é do Balbino... Pessedista não tem compromissos pessoais ou políticos senão com o govêrno: é governista, seja quem fôr o govêrno.

*Antônio Balbino*

*Ahomar Baleeiro*

x ✧ x

O "general" Flôres da Cunha o bravo "general" dos Provisórios Gaúchos, é uma vocação fracassada de militar. Nasceu para o belo heroísmo das batalhas campais e tem vivido sempre, entre lágrimas e exclamações, no convívio pacífico dos políticos.

As "novembradas" deram-lhe afinal uma oportunidade "heróica": brilhou. Mas, agora, passada a refrega, os seus amigos o arquivaram tranqüilamente... Não podendo recuperar as próprias glórias, lança-se, laudatório e veemente, na recuperação das glórias do marechal Mascarenhas de Morais, lançando-lhe um patético apêlo para que tome conta do Clube Militar. Mas, é o caso de perguntar.

— Que tem o "general" Flôres com isso?

*Flôres da Cunha*

x ✧ x

O sr. Amaral Peixoto está muito triste: quem está mandando no sr. Juscelino é o sr. Jango Goulart. O sr. Juscelino não quer nada com o P. S. D.: está todo com o P. T. B. ...

*Amaral Peixoto*

x ✧ x

O brigadeiro Cabral, herói que comandou uma expedição de 5.000 homens das três Armas (Marinha, Aeronáutica e Exército), com uma companhia de Paraquedistas de contra-pêso, para prender três oficiais rebelados (e só conseguiu prender um dêles, graças a traição!), deu severa entrevista em Belém contra a iniciativa do sr. Juscelino Kubitschek que propôs ao Congresso a concessão de anistia. Apesar da ênfase e da impertinência com que se referia à iniciativa do govêrno, o brigadeiro Cabral não foi prêso até agora! E agora José?

*Juscelino Kubitschek*

x ✧ x

O senador Nelson Firmo está dando muita dor de cabeça ao P. S. D.: é indócil e boquirrôto. O senador Apolônio Sales já não sabe o que fazer para conter o homem. No caso dos "arapotis" do sr. Lupion botou a bôca no mundo e disse duas verdades. Homem firme, o sr. Firmo!

*Apolônio Sales*

---

**Desconfiai ainda mais dos que se rejubilam com o mal, do que com aqueles que o praticam. — *Victor Hugo*.**

◇


O esmêro no pentear-se define o cavalheiro que usa a *insubstituível*

ÁGUA DE QUINA PINAUD

ÁGUA DE QUINA PINAUD

– *a sua máxima proteção contra a*

ANEMIA DOS CABELOS

Cuidado! Se você está perdendo cabelos, use sem demora a revigorante Água de Quina Pinaud! De grande efeito tônico, a Água de Quina Pinaud protege as raízes dos cabelos, evitando a caspa e a seborréia... tornando os cabelos mais fortes, macios e brilhantes. E com seu discreto e tão agradável perfume, a Água de Quina Pinaud é ótima também para facilitar o penteado feminino!

**Escolha o tipo mais adequado para você:**

Água de Quina Pinaud – **com óleo**. Sem emplastar... fixa melhor! De fórmula francêsa, à base de ricas plantas, contém finíssimos óleos, tão diluídos que ficam até invisíveis!

Água de Quina Pinaud – **sem óleo**. Com as exclusivas virtudes tônicas da quina, substitui, com vantagem, qualquer loção não-oleosa!

*Todo barbeiro conceituado aconselha o uso da renomada Água de Quina Pinaud!*

PINAUD *Paris* Perfumistas desde 1810

## Colocando a tribu

Nereu — Outra nomeação?!
Secretário — Pode assinar sem susto, ministro. Ainda é **Ramos.**
Nereu — Bem, se é **Ramos,** acertamos...

### A SUPERPOPULAÇÃO

Os cientistas já predizem a época em que a população humana da terra não poderá mais crescer, sob pena de não poder ser alimentada pelo planeta.

Wells, que por ser cientista-fantasista talvez acerte mais do que os outros, acha que em futuro não muito remoto haverá população subterrânea, que trabalhará para o sustento de raça superficial efeminada, mas... para comer-lhe a carne.

No estudo dessa grave questão há fatos que não devem ser desprezados.

O homem é, de todos os animais, o único que voluntàriamente restringe a natalidade. Os peixes, que também são vertebrados, caraterizam-se por fecundidade espantosa. Ora, como é que o oceano ainda não está saturado de peixes? Mesmo comendo-se êles entre si e sendo comidos pelo homem, sua fecundidade é tal que sobrepujam essas e outras causas de destruição. Podemos, portanto, nutrir a esperança de que a terra, como o oceano, tenha sempre população que possa haurir dela o necessário à vida.

Note-se que os peixes são incapazes de inventar, como o homem, novos processos alimentares. O sistema de devorar seus semelhantes só é adotado, entre os homens, por indígenas cujo grau de civilização é rudimentarissimo. Realizada, porém, que seja a profecia de Wells, volveríamos a êsse regime exclusivamente carnívoro. A adotação seria menos difícil do que parece, como demonstrou Mark Twain, narrando a situação dos passageiros de um trem americano que ficou por vários dias encalhado na neve. Procedia-se diàriamente à votação dos que deviam ser comidos e havia discussões acaloradas, devido à preferência de uns pela carne magra.

O autor de Salambô também mostrou que um esfaimado se lança com volúpia sôbre o cadáver de um companheiro de armas morto de fome.

Poderá tudo isto parecer macabro. Bastará, porém, refletirmos um momento, para vermos que os homens já comem uns aos outros, e o fazem mais cruelmente do que se usassem de garfo e faca.

### NEHRU SUSPIRA

Ao tecer comentários sôbre o resultado das eleições francesas, prestigioso jornal europeu diz que o Sr. Nehru ficou muito satisfeito com o sucesso eleitoral do sr. Mendès France. O "premier" indiano não esqueceu, com efeito, que foi ao chefe da frente republicana, quando presidente do Conselho, que deveu a cessão — sem a menor compensação das antigas possessões francesas na Índia.

Nehru, infelizmente, não teve o mesmo êxito com Salazar no caso de Goa... A lembrança dêsse fracasso o faz suspirar:

— Mendès-France em Paris foi ótimo! Quando teremos um Mendès Portugal em Lisbôa?

De pijama, na cama,
Dorme papai

Às 7 levanta,
Assobia e canta,
Se lava e veste.

E para o emprêgo lá vai
Lamenta um pouquinho
Não poder ir de pijama
Como estava na cama.

Porque de pijama,
Feliz e contente
Se sente papai

# Os OCULOS do DIABO

Crônica de Lisbôa: por **Jorge Ramos**

Jornalista português

## CARTA AO TIPÓGRAFO

Meu irmão de trabalho:

Vão para ti hoje estas linhas. Saúdo-te em palavras que já repetiste mil vêzes em todos os tipos do caixotim mas que adquirem agora a vibração de qualquer coisa que vem da sinceridade. A unica homenagem que sei e posso prestar-te é fazer-te compreender que se as expressões verbais são mais ou menos sempre as mesmas, pode às vêzes brilhar nelas uma claridade que as torna diferentes. Essa luz fresca de aurora, simples e pura como todos os sentimentos leais, brota de um coração que as decepções da Vida envelheceram, mas que guarda ainda um pedaço de juventude sonhadora para não caluniar a própria Vida — obra de resignação e de esperança. Na tua alma, quantas vêzes aberta também aos grandes ideais de justiça e de beleza que aprendeste a visionar, colora as flôres humildes destas palavras singelas, sem o mais leve perfume de literatura, como se as compuzesses para o componedor invisivel da tua sensibilidade. Temo-nos amparado na vida, ganhando o mesmo pão. Eu sem ti nada seria. De mim tens recebido uma parcela da atividade e do esfôrço em que consumo a existência.

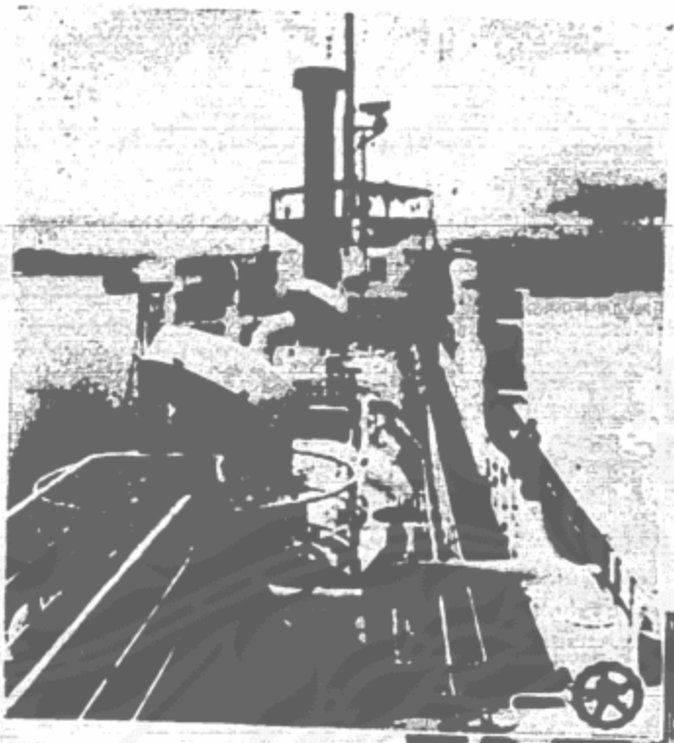
Um jornalista profissional com mais de vinte anos de serviço nas fileiras da Imprensa e que chega aos quarenta anos alquebrado pelo tempo, mas não vencido nos entusiasmos, sempre moços da sua profissão, vem lembrar-te o que vales pelo braço e pelo espírito. Estou contigo noites inteiras na labuta cotidiana das paginações e junto às tuas caixas e sôbre os "mármores" das tipografias, quantos "linguados" se encheram na pressa febril, na agitação trepidante da redação! Temos prestado um ao outro uma colaboração que é quase um laço de sangue. Para podermos trincar tranqüilamente a côdea honesta da nossa labuta, ambos servimos de degrau a muito triunfador, e no cumprimento disciplinado das nossas obrigações, bastantes vêzes fizemos elogio dos que pouco e dos que nada valem, e até por dever do ofício redigimos e compuzemos palavras, só palavras que nada exprimem porque só valem aquelas que a nossa consciência dita e a nossa inteligência inspira. Não importa que as idéias floresçam na penumbra. Importa é que respirem envolvidas pelo sol interior dos ditames da Razão. Não transigimos com a fôrça inexterminável do nosso pensamento — voz silenciosa que nada pode deter. O resto é literatura...

Continuaremos sempre no nosso pôsto amando esta terrivel embriaguês de gritar ao mundo que a Imprensa é uma fôrça, seja qual fôr a mão que a oriente e conduza — fôrça do Bem e do Mal onde somos apenas instrumentos obedientes sem que o nosso bom senso tergiverse, sem que a nossa sinceridade se acovarde sem que a nossa inteligência se desvirtue ou contamine.

Glória a ti, anônimo cooperador da mais ingrata profissão!

Perdôa-me apertar na minha mão habituada à paixão e ao vicio de escrever, a tua mão hábil que converte as idéias em luz, eu te perdôo os milhões de "gralhas" com que tens salpicado toneladas de papel que hei escrito... Bom dia, meu irmão de trabalho!

# Arriba, Petrobrás !



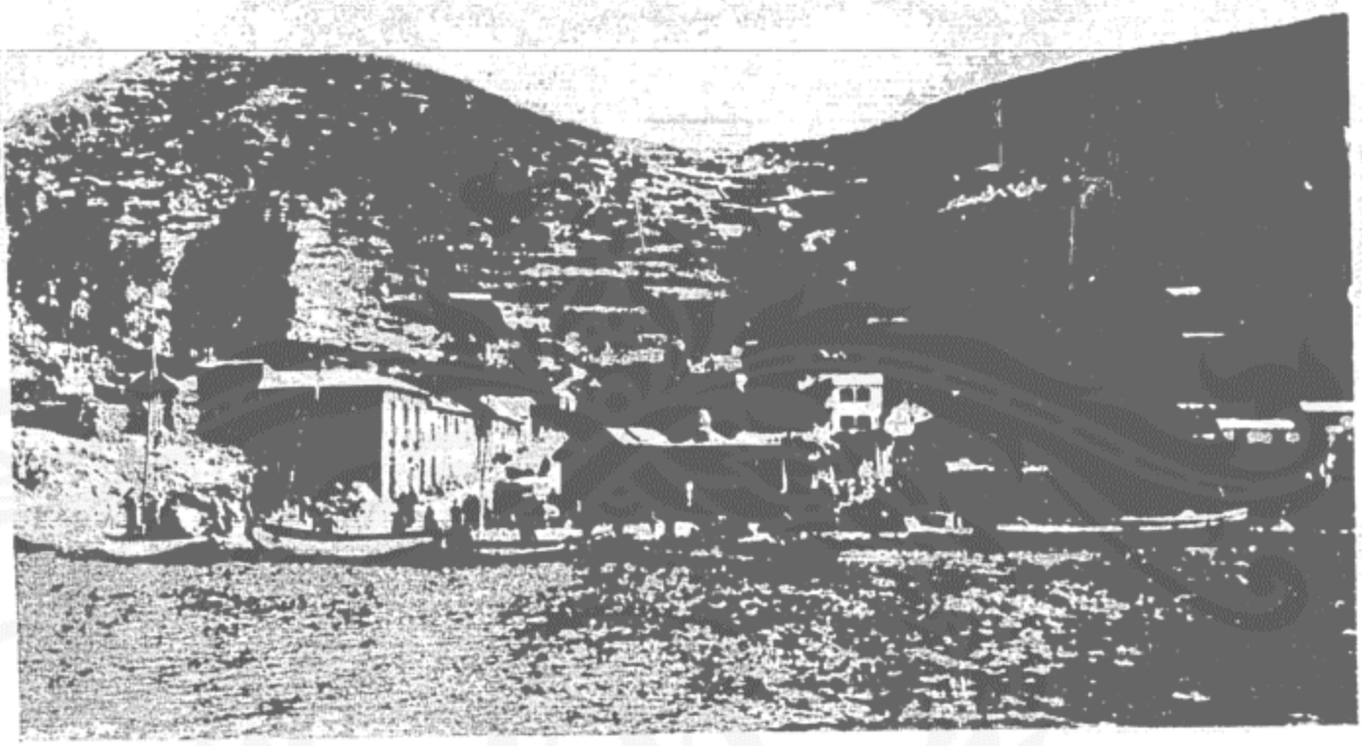
Para aqueles que ainda tenham dúvida quanto à realidade petrolífera nacional, publicamos, nesta página, nada menos do que quatro instantâneos, tomados do vapor Petrogás I, encomendado na Alemanha pelo govêrno brasileiro. A êsse navio caberá a tarefa de transportar o gás produzido pelas refinarias de Cubatão e Mataripe.

A história do petróleo brasileiro é fácil de ser resumida. Um dia descobriu-se, no recôncavo baiano, vestígios de petróleo. Examinado o produto foi classificado como sendo rico em parafina, bom, portanto, para a produção de óleo e graxa lubrificantes. Resolveram, entretanto, refiná-lo para servir de carburante.

Em consequência de haver petróleo no Brasil, o produto estrangeiro, que aqui chega por cêrca de cinquenta centavos o litro e era vendido a um cruzeiro e noventa (um cruzeiro e quarenta de impostos !!!), passou a custar cinco cruzeiros (dez vêzes mais caro do que o estrangeiro !!!). Além disso, os veículos a motor de explosão a gasolina passaram a pagar taxa ou contribuição onerosíssima, todo ano, ao reformar a licença.

Como a produção nacional de óleo bruto ainda seja insignificante, mandam buscá-lo no estrangeiro para beneficiamento no Brasil... A gasolina refinada nesta terra, principalmente a de Manguinhos, fede como os flatos ! Será para transportar êsses gases fedorentos o Petrogás I?...

✧



*TIQUINA — Com mais de 800 metros de profundidade o Lago Titicaca se estreita aqui, caminho obrigatório de La Paz para Copacabana*

# Titicaca — o Lago Silencioso

*Raul Floriano*

PERSCRUTO da janela do Hotel Copacabana o silêncio do Lago Sagrado dos Incas.

O marulhar de pequenas ondas constitui o fundo sonoro, quase em surdina, dêsse ambiente silencioso.

Até os índios cessaram de dançar seus **huaynos** e **taquiráris** nas planuras e na praia, as quais coloriam com suas exóticas roupas multicores. Terminaram, também, seu carnaval, para o qual fizeram os maiores sacrifícios. Economizaram durante todo o ano para pagar o caminhão, uma espécie de "amigo da onça", que os transporta de seus **pueblos** até Copacabana. Mas, se não obstante isso, não conseguiram juntar o necessário, foram a pé, pelas estradas pedregosas, dormindo pelos caminhos, em altos horários.

E' que os índios, ao pôr do sol no Titicaca, emudecem para completar o seu silêncio.

O canto de raros pássaros concertistas não chega a perturbar o silêncio de Copacabana, situada a 3.824 metros de altitude, às margens do Lago Titicaca.

As montanhas graníticas apontam atrevidas, para o céu, escondendo, muitas delas, relíquias incaicas. Uma, bem em frente à praia, ainda conserva a Fôrca do Inca, na qual o senhor do Grande Império mandava executar aqueles que, em casos especiais, desrespeitassem suas leis. Seu Código Penal era bem definido e a pena de morte só era aplicada na punição de quatro ou cinco crimes mais graves.

Em muitas outras montanhas, por dilatados quilômetros, encontram-se de pé muros de pedras superpostas que, há séculos huchuriam e protegem o terreno da erosão, quando os incas e, talvez, seus antecessores, dominaram os Andes e locaram a estrada que a civilização vem realizando sem maiores modificações no traçado. Pudera não! As estradas incaicas, quando da chegada de Pizarro, eram melhores do que as européias. Aqueles muros existem até hoje e fazem bem viva a memória do inca valoroso.

O Titicaca adormece em silêncio na enseada de Copacabana. Sua noite não é, porém, diferente do dia que passou, longe dos aglomerados humanos. Quando Sanchez, o inteligente motorista boliviano que dirige o taxi que me trouxe de La Paz, para o carro na estrada que, por muitos quilômetros, margeia o lago, a paisagem continuava silenciosa, porque a pedra é silenciosa, e tudo aqui é pedra multicôr ou escura. Pequenos e grandes seixos rolados, perfeitamente ovais, esféricos ou quadrados; ou imensos monolitos de milhares de metros de altura. — Também é silencioso o índio, algumas vêzes descalço (piés pelados) e quase sempre cal-

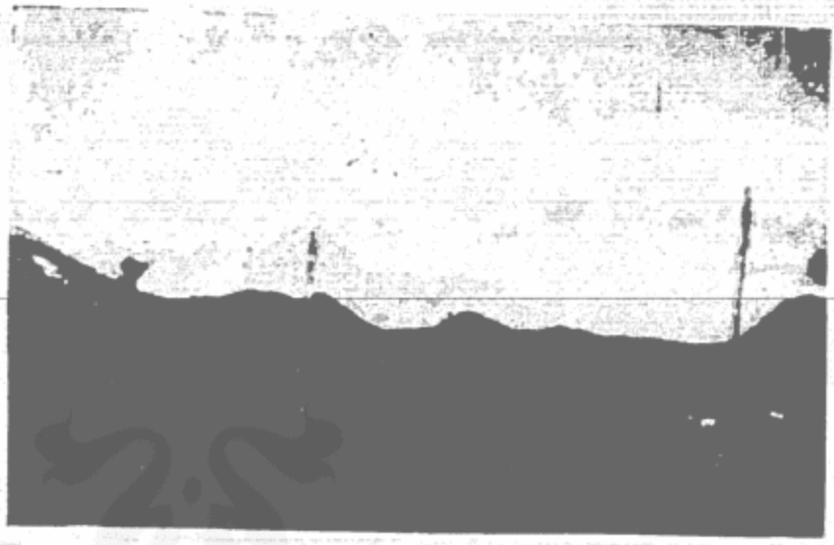
çado com sandálias que, por sua flexibilidade, bem serviriam para as bailarinas do Municipal. As lhamas e os carneiros também são silenciosos: aquelas, altivas, eretas, tudo querendo ver; êstes, tranqüilos, de cabeça baixa, a buscar o que comer no pedregulho interminável.

Visto da estrada que margeia o lago, a altura que, as vêzes, atinge mais de setecentos metros, o Titicaca é silencioso, muito embora se assemelhe ao mar, por sua amplitude, seus horizontes ilimitados. Parece que medita, recordando as passadas glórias do Inca que o tornou célebre com suas guerrilhas, com sua civilização extraordinária para a época. Ou estará êle humilhado pela revolução telúrica que o restringiu à bacia atual, bacia que os geólogos admitem tenha sido muito maior? Parece certo que todo êsse altiplano foi, em priscas eras, imenso mar que poliu suas pedras e desnudou suas montanhas inacessíveis, onde só a neve se mantém permanentemente, no alto do Illimâni, do Illâmpu e de muitos outros picos que prateiam o horizonte.

Ao longe, as ilhas do Sol e da Lua conservam ainda as ruinas dos templos móres do Grande Inca, com seus subterrâneos e túmulos. De quando em quando, um ou outro turista se aventura a navegar, por quatro longas horas, até êsses relicários incáicos, e a perturbar êsse silêncio sagrado com suas manifestações profanas. E porque o silêncio está nas alturas, os indios de hoje consideram sagradas algumas montanhas, a que êles dão sexos, realizando suas cerimônias religiosas em **algunas cumbras,** em determinados dias do ano.

Contam os nativos do lugar que o lago Titicaca só costuma irritar-se às tardes, por volta das dezessete horas, no estreito de Tiquina, que êle próprio cavou num trabalho de séculos. Então os automóveis, caminhões e ônibus não podem atravessá-lo nas grandes barcaças, que os indios conduzem com fortes remadas. E, ou não viajam para Tiquina senão pela manhã, ou descansam ali a noite, esperando o amanhecer.

Nos dias de festa a coca e o álcool confraternizam-se com o lago e antecipam o impedimento da travessia para bem mais cêdo. Em poucas horas o indio embriaga-se e fica impossibilitado de conduzir as barcaças. Na igreja de N. S. de Copacabana a Virgem Morena, alcandorada em seu majestoso altar de prata maciça, recebe as preces silenciosas de seus devotos de tôdas as partes do mundo. Um indio boliviano, com ospêto de doente, implora com lágrimas silenciosas a bondade da Virgem.



*COPACABANA, à beira de uma baía do Lago, é a região india por excelência do altiplano boliviano. Vê-se ao fundo a imponente igreja da Virgem Morena.*

*LAGO TITICACA — Um instantâneo do pôr do sol.*

*LAGO TITICACA — Outro instantâneo do pôr do sol.*

Apenas outro indio, arrancando de um violino **criollo** os sons pentatônicos da música aymará, quebra tristemente o silêncio do templo. Postado à porta, a pedir esmolas, lembra um oriental encantador de serpentes.

Mas o Titicaca continua silencioso, no altiplano da Bolivia, dadivando-se entre ela e o Perú, na excelência de suas trutas e com a majestade de sua altura e a grandeza de seu passado.

**Copacabana, (Bolivia), 19-2-56.**

*Quatro gaúchos mexicanizados.*

*Os bazares mexicanos interessam sobre[illegible] aos rapazes.*

*O estádio mexicano é imenso e comporta muitas dezenas de milhares de espectadores. A fotografia aqui estampada mostra um aspeto do jôgo travado entre o onze do México e o do Perú.*

*Alberto da Gama Malcher ficou um mexicano de assobio: Fiu... Fiu!...*

*Onde chega o brasileiro chega o samba e a patuscada...*

*Com tais chapéus qualquer [illegible] ano.*

# CAMPEONATO PAN-AMERICANO DE FUTEBOL

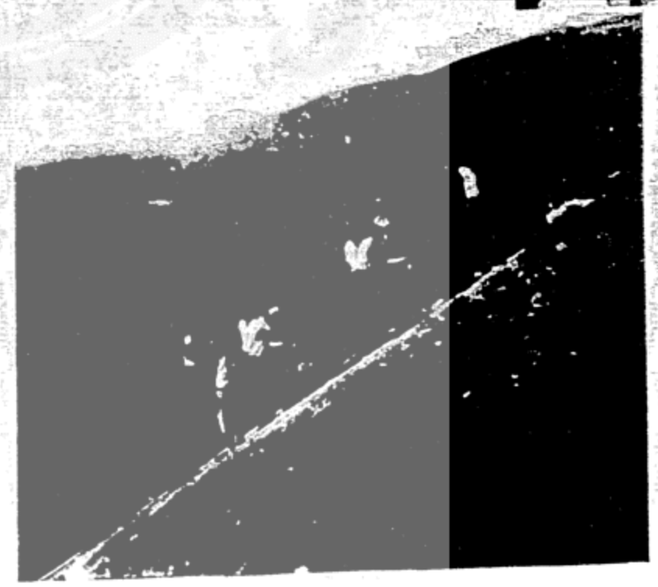
TEM sido brilhante a atuação do onde gaúcho que, no México, disputa o Campeonato Panamericano de Futebol, representando a Confederação Brasileira de Desportos.

Até agora invicto, o "team" brasileiro acaba de impôr-se ao selecionado costarriquenho, pela elevada contagem de 7 x 1.

A respeito dos vencidos, os de Costa Rica, correram numerosos palpites nos dias que antecederam o prélio, inclusive o de que eram a revelação do atual campeonato, conseqüência das vitórias que conquistaram sôbre alguns adversários, inclusive sôbre os chilenos. Chegou-se até a vaticinar a derrota dos n[illegible]a de que nunca tivemos receio.

O jôgo duro, do presente campeonat[illegible] o de domingo próximo, quando medirão fôrças os onzes [illegible] e argentino. Palpita-nos que venceremos, não obstante [illegible]e que, por motivos óbvios, deverá ser favorável aos port[illegible]

Qualquer que venha a ser o resultado [illegible]ma partida, já se colocou o Brasil num dos dois postos mai[illegible]os do campeonato. Se vencer ou empatar com os argentinos [illegible]r-se-á sagrado campeão; se perder, levantará o titulo de v[illegible]eão.



*No Vale Sagrado dos Aztecas.*

No jôgo travado entre os brasileiros e costarriquenhos ficou patenteada a fraqueza dêstes. Nosso onze dominou completamente o jôgo, impondo-se por larga margem de tentos, que poderia ter sido ainda maior se para tanto se houvessem empenhado.

Larry foi autor de três tentos; Chinêsinho de outros três e Bodinho de uma crifrada... quer dizer, ponto.

O primeiro meio tempo terminou com a contagem de 3x0 e o segundo de 7 x 1.

✧

# Impressões Indiscretas e Sentimentais...

Umberto Peregrino

É a pé que gosto de percorrer Natal nos meus periódicos encontros sentimentais. Cada manhã me destino em determinada direção e caminho devagar, à tôa, indo e vindo, estaco e avanço, espio por cima dos muros, (desculpem o feio hábito), falo sòzinho, rio sòzinho, entristeço-me, é possível que gesticule, talvez pareça um sonâmbulo... Mas, é assim, feito sonâmbelo, maluco, o que quiserem chamar, que visito cada canto da minha saudade.

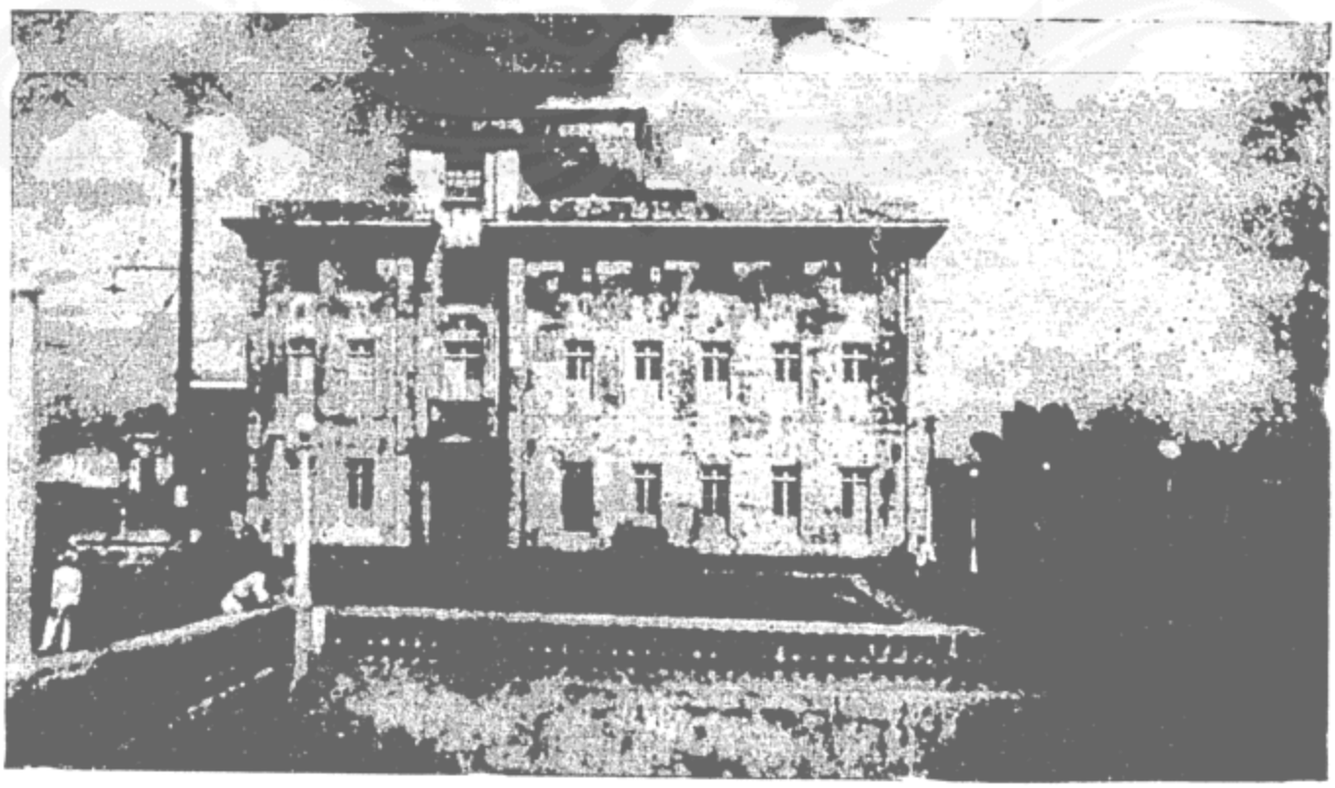
Não deixo, por exemplo, de ir ao Passo da Pátria, aliás para entristecer-me, porque o que resta daquele tradicional e belo porto fluvial, do tempo em que o rio Potengi era estrada comercial, é apenas imunda e melancólica ruina...

Tão pouco deixo de percorrer a Avenida Deodoro, até esbarrar com aquêle sólido e odioso prédio de construção recente, colocado bem no seu eixo, interceptando a lógica expansão, até o mar, da Avenida mais bela de Natal. Outro prédio odioso, também absurdamente autorizado, é o do Dispensário Sinfrônio Barreto, que mutila o Largo da igreja do Rosário, outro sítio da minha predileção. Visito-o pontualmente para olhar, do pedestal do Cruzeiro, à distância, o movimento do porto, e, perto, o páteo de manobras da Estrada de Ferro, duas atividades que me encantavam e ainda encantam hoje. Recordo também os circos de cavalinhos que alí se instalavam e cujos espetáculos eram anunciados pelo palhaço que percorria a cidade escanchado, às avessas, num burrinho e apregoando a hora da função e outros informes em tom jocoso, tudo glosado pelo côro da animadíssima molecada que o acompanhava para minha desesperada inveja...

Francamente, não posso compreender como é que nenhum Prefeito de Natal, até hoje, prestou atenção ao Largo do Rosário, para dar-lhe o merecido aproveitamento. Agora, porém, o assunto já não é tão simples, tornar-se-á necessário remover dali o Dispensário, para desimpedir o Largo, restituí-lo aos seus limites naturais.

---

Devo confessar que desta última vez me senti meio preguiçoso, em Natal. Deixei-me ficar, talvez, menos ativo, menos andejo. É que estava hospedado num dos Apartamentos do "Hospital Mi-

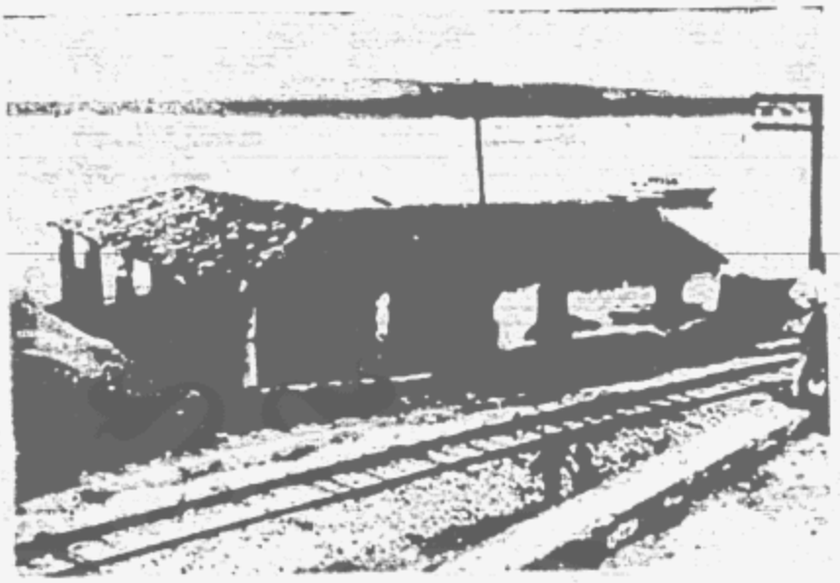


*Fachada do "Hospital Miguel Couto" onde há hospedagem confortável e acolhedora.*

guel Couto". Vem a ser esta a melhor hospedagem em Natal. Porque o hotel, construído pelo Estado, inutilizou-se entregue a um figurão político que o transformou em hospedaria de Interior, tão reles quanto lucrativa. Foi por isso que a Direção do "Hospital Miguel Couto", onde havia excelentes apartamentos, concordou em abrigar alguns hóspedes especiais. Mas, como a solução desse certo, inclusive para o Hospital, que acrescentou a sua receita, a hospedagem excepcional se tornou rotineira, mais um andar de apartamentos foi construído, e hoje quem vai a Natal e deseja instalar-se com confôrto, em ambiente de ordem e agrado busca o "Miguel Couto".

Além das instalações confortáveis e do tratamento excelente, aos cuidados das Irmãs de Santana, aquela hospedagem singular tem a vantagem da situação, pois o Hospital está localizado no ponto mais bonito de Natal, o Monte, como se chamava antigamente. E foi assim que me vi alojado num apartamento, através de cujas janelas se desdobrava a paisagem da minha paixão juvenil: o amplo misterioso mar que se avista do Monte, o sugestivo Forte dos Reis Magos, o estuário azul do Potengi... Era custoso desprender-me de minha janela... Quantos anos, quantos, desde menino, sonhara com uma oportunidade assim, sonhara morar ali, ali viver ao menos uns dias, até fartar-me de olhar o mar visto do Monte?...

À noite, quando o vento incansável assoviava, forçando passagem pelas grêtas da janela, eu tinha a sensação de que se a morte chegasse naquele instante eu a acolheria feliz, porque me colhia em estado de graça, em patética integração com a natureza que mais amei na minha vida...



*O Passo da Pátria é apenas imunda e melancólica ruína.*

*Do pedestal do cruzeiro, plantado em frente da igreja do Rosário, avista-se o estuário do Potengi, o pátio de manobras da Est. de Ferro e o movimento do porto*

*O mar amplo e misterioso que se avistava da minha janela, no alto do antigo Monte*

*Henrique Casini o vencedor da prova maior.*

*Estado em que ficou o carro de Licio Nogueira.*

*Após a vitória, Casini fala ao microfone de uma emissora de rádio.*

*O carro de um dos concorrentes pegando fogo.*

# Automobilismo

zar um desporto que, entre nós já teve fama mundial, como sucedeu ao tempo do "Circuito da Gávea", quando para cá vinham até corredores de fama internacional, disputar o titulo de campeão do "Trampolim do Diabo".

O espetáculo que nos foi dado assistir no domingo próximo passado foi melancólico. Para oferecer ao público tais competições, melhor será não lhe ofeercer coisa alguma.

---

*A assistência ao longo do canal do Maracanã.*

*Quase outro desastre!*

---

A policia não devia consentir que se realizassem corridas de automóveis sem o prévio exame da pista e das viaturas a empenhar-se na disputa.

Com isso evitar-se-iam desastres como o que ainda domingo pretérito sucedeu ao carro de Licio Nogueira, saindo êste em estado grave para o Pronto Socorro.

Além disso, corridas pifias como a de que se trata, em que só tomaram parte raros concorrentes, para que servem? Só se fôr para desmorali-

**A união de todos, para o objetivo comum, conduz a um resultado melhor.**

## O SEGURO DE VIDA EM GRUPO, com

a cooperação de todos os interessados, proporciona, mediante pagamento módico mensal, um pecúlio certo.

CIS

FUNDADA EM 1920

DIRETORIA

Celso da Rocha Miranda
Jorge Eduardo Guinle
Angelo Mario Cerne
Karl Blindhuber

# COMPANHIA INTERNACIONAL DE SEGUROS

CAPITAL E RESERVAS SUPERIORES A CR$ 150.000.000,00

Seguro de Vida * Vida em Grupo * Incêndio * Lucros Cessantes * Transportes * Acidentes Pessoais * Roubo * Responsabilidade Civil * Automóveis * Vidros * Acidentes do Trabalho

RIO: RUA 7 DE SETEMBRO, 94 - END. TEL. COMPINTER - TEL. 32-4270*
S. PAULO: RUA LISERO BADARO, 73 - END. TEL. COMPINTER - TEL 32-7104

•SUCURSAIS E AGENCIAS EM TODO O PAIS•

## NUM BAILE DE SURDOS-MUDOS

O forasteiro foi levado, por um médico amigo, a um baile no salão do hospital de surdos-mudos.

— Como farei para convidar uma surda-muda a dançar? — Perguntou em seu idioma.

— Muito simples — respondeu-lhe o doutor: — você aproxima-se dela com sorriso nos lábios e faz uma inclinação de cabeça.

O convidado pôs em prática a observação com uma linda pequena. Acercou-se, sorriu, fêz uma reverência e a garota, de fato, a êle se uniu para dançar. Foi seu par durante três contradanças seguidas; e já se dispunha o nosso homem a convidá-la para a quarta vez quando um cavalheiro aproximou-se da vítima e disse-lhe:

— Mas, quando vamos dançar?... Há uma hora que te espero.

— E' que não encontro meio de desligar-me dêste pobre surdo-mudo — respondeu a dançarina, que ouvia como ninguém e possuia, aliás, belo timbre de voz.

## PENSAMENTOS PRÓS FUNDOS

Não há mais poderoso antídoto contra a baixa sensualidade do que a adoração da beleza.

*Vilas Bôas*

x ✧ x

Examina bem se o que prometes é justo e possível, porque a promessa é uma dívida.

*J. K.*

x ✧ x

Quanto mais nos elevamos, mais pequenos parecemos aos que não sabem voar.

*Benedito Valadares*

x ✧ x

Aquêle que ama seu trabalho, e que sòmente ao trabalho pede melhor sorte para si e para os seus, é

## Guerra na Selva

— Perdi o meu marido.
— Morte natural?
— Não. Bomba aérea...

digno do apoio e do respeito de seus semelhantes.

*Milton Campos*

x ✧ x

Os mortos não têm vida, senão a que lhes emprestam os vivos.

*João Goulart*

x ✧ x

O verdadeiro amor é como os fantasmas; todos falam dêles mas raríssimos os viram.

*Flôres da Cunha*

x ✧ x

Em amor há três modos de um absurdo ser verdade: de detrás para diante, da esquerda para a direita e de pernas para o ar.

*Helder Câmara*

x ✧ x

A felicidade no lar depende do casal agüentar-se no balanço do fim do mês.

*Gustavo Capanema*

x ✧ x

A política comporta três classes de cavalheiros: os interessantes, os interessados e os interesseiros.

*Osvaldo Aranha*

## NADA DE PERGUNTAS

*A mulher acabou conseguindo levar o marido ao curandeiro, em quem tinha muita fé.*

*— Que sente o senhor? — Perguntou gentilmente ao paciente o "facultativo".*

*— Muuu — fêz o outro, engrolando a lingua.*

*Sua mulher explicou, um pouco confusa:*

*— Êle não responde, porque acha que o senhor deve adivinhar.*

*O terapeuta encarou o outro e sorriu:*

*— Conheço um excelente veterinário — disse por fim — Por que não o procura?*

*— Mmm...*

*— Pode ficar tranqüilo! Êle nunca faz perguntas aos doentes.*

## Turma Braba

— Virgem, Nossa Senhora! Outra invasão de bárbaros!

# Quando elas se encontram

AS duas jovens elegantes encontraram-se na Avenida, numa calma tarde de sábado, pouco antes da hora do chá.

Eram ambas esbeltas, penteando-se com esmero e vestindo ao rigor da moda — duas verdadeiras jóias de alto preço, que dois senhores enamorados disputam a pêso de ouro à restante comuna dos homens...

Pelos seus modos fáceis e gestos decididos percebia-se claramente que qualquer delas devia ter tão vagos conhecimentos do sacrifício pelo dia-a-dia ou das atribulações domésticas, como profunda sabedoria quanto aos últimos artifícios com que a "Cidade Luz" alimenta a vaidade feminina ou às mais recentes historietas que Hollywood nos manda através dos seus celulóides...

Logo que se divisaram à distância caminharam ao encontro uma da outra, exclamando sorridentes:

— Oh Isabel !

— Oh Alice !

E beijaram-se.

Depois a conversa brotou animosa, fluente.

No momento em que principiavam a caminhar, cruzaram-se com elas dois rapazes elegantes, que se voltaram com atrevimento para as analisar dos pés à cabeça.

A seguir, um dêles, olhando o amigo com expressão provocadora, soltou um daquelas Fiu, fiu !, "made in U. S. A." tão descarado, que a desenvolta Alice não pôde conter-se e exclamou para a companheira: "Aquêle está precisando de encontrar na vida uma mulher que o faça perder o assobio ...".

E seguiram.

— ✧ —

Caminhavam agora as duas Avenida abaixo, sem pressa, olhando uma ou outra vitrina que lhes ficava próxima, e a conversa prosseguiu com entusiasmo:

— Então e êle ?... — Perguntou a certa altura Isabel, com um arzinho malicioso.

— Êle... voltou para minha casa. Lá está outra vez ! — respondeu Alice, olhando a amiga com modo de pessoa conformada.

—E tu tôda contente, é claro ! Não querias, não querias, mas... em a gente lhes ganhando amor !...

— Também, só por isso, minha filha ! Agora, então, está impossível !... Passa quase tôda a manhã a dormir ! Nunca vi !... À hora do almôço lá se levanta, muito ensonado, depois come com apetite devorador e, se eu estou a bordar, senta-se o resto da tarde ali ao pé de mim. E' assim a vida dêle ! Mas sempre o mesmo: muito meigo para mim, muito amigo !...

— E o teu marido que diz ? Não desconfia de nada ? — Perguntou Isabel, com ar de ingenuidade — Tolera isso tudo de bom grado, sem revoltas ?

—Ora, o meu marido conforma-se. Que remédio tem ! Tu bem sabes: em eu querendo, tudo está certo !

— Ai filha ! Eu é que não queria, nem por nada, uma coisa dessas !... Deus me livrasse !

— Pois é, tôdas dizemos o mesmo enquanto não os temos ! — retorquiu Alice, parando um instante em frente da vitrina duma confeitaria. — Olha, ainda ontem à noite estava sentada na salinha e o meu marido a ler ali a meu lado. Nisto entrou êle. Vinha ensonado, como de costume. A certa altura, sentou-se quase encostado a mim. Depois foi-se chegando, chegando, e acabou por deitar a cabeça no meu colo.

— E tu, que fizeste ? — Perguntou Isabel, com curiosidade.

— Eu deixei-me ficar quieta. Que havia de fazer ? Meu marido então, quando o viu assim, disse baixinho, supondo que eu não o ouvia: "Lá está aquêle palerma ! Um dia levas uma volta que nem tu sabes !...".

— Ai, que engraçado ! — riu-se a outra, sempre muito atenta à descrição da amiga — Por aí já se vê que o teu marido sempre percebe qualquer coisa !... Mais cedo ou mais tarde, vens a ter um desgôsto !... Tão certo !

— ✧ —

Ia a conversa por esta altura, quando as duas notaram que outra amiga as vinha seguindo, chamando-as com insistência.

Voltaram-se e, sorridentes, exclamaram em uníssono: "Olha a Maria Helena !".

— Mas que entusiasmo de conversa em que as duas vinham — exclamou a amiga. — Eu a chamar há quase cinco minutos e nada de me ouvirem ! De que tratavam, assim, com tanto interesse ?

— Nós ?... — respondeu Isabel, ao mesmo tempo que compunha a gola do casaco da recém-chegada — Vinhamos a falar daquele "Grand-Da-

nois" que o pai da Alice trouxe de Espanha para lhe oferecer, e que depois lhe tirou outra vez! Calcula tu que o "bicho" encontra-se novamente lá em casa da Alice. Não consegue habituar-se a um pouso certo!...

— Ai, êle é um cão adorável! — exclamou Maria Helena, fazendo boquinhas.

— Pois é! esclareceu Alice, tomando expressão séria — Mas temos que ter muito cuidado! Esteve doente aqui há tempo e o veterinario disse que daquela doença à raiva é um passo! Eu tenho-o lá em casa porque gosto muito dêle, e porque o meu marido, esquisito como é, nem por sonhos desconfia que o "bicho" esteve assim doente quando meu pai o tirou.

—✧—

## O IMPORTUNO

UM dia dêstes, conversando com um amigo numa esquina da Rua do Ouvidor, notei, com surprêsa, um fato interessante, dêsses que acontecem a todo o momento na vida de um pobre coitado como eu. Trata-se do seguinte:

Como dizia, conversava com um amigo e a conversa só poderia interessar a nós, única e exclusivamente. Pois bem. Quando estávamos no auge do assunto, eis que me aparece um terceiro amigo (porque êle nos conhecia a ambos... por conseguinte eu e o meu amigo...) dêsses amigos de qualquer hora, e que só se lembram de aparecer quando não são esperados nem tão pouco desejados. Sem mais preâmbulos, êle introduziu-se na palestra, com o clássico "bôa tarde" (sim, porque já passava das dezesseis horas).

Fiz então nesse momento uma ginástica fantástica para conter minha curiosidade, que desejava saber com minúcias, todos os pontos finais da narrativa que me fazia o meu primeiro amigo Pantaleão, e sem que o meu segundo Importunato desse pela história.

Tivemos, pois, que mudar de assunto, o que não foi proeza fácil, nem tão pouco agradável, e para não sermos descortezes (aí vem o raio da cortezia) suportámos com denodo, a caceteação do Importunato, durante mais de uma hora, tempo êste que êle gastou inutilmente, pois que eu e Pantaleão (discretamente) não lhe prestámos a minima atenção, mostrando-lhe um sorriso amarelo e que êle julgou estarmos de pleno acôrdo com as mentiras e verdades (diga-se de passagem, aqui entre nós: — Importunato mente que nem se sente...) que êle nos contava, ingênuo coitado, sem saber que não estávamos ligando a menor importância à saliva que êle gastava, mas sim com ódio terrível a roer-nos o intimo.

Vendo que era impossivel continuar o tema tão agradável de nossa primeira palestra, resolvi dar um tiro final naquele jôgo simulado de sorrisos recíprocos e hipócritas, convidei o Pantaleão a "pegar" um ônibus, pois só assim poderiamos livrar-nos de Importunato, que nunca tinha tido ocasião de andar de ônibus, devido ao seu ordenado escasso e à sua familia numerosa.

Qual não foi, porém, nossa surprêsa, quando Importunato acedeu também ao convite e juntamente com meu amigo Pantaleão e eu, tomou o ônibus, a nossa última arma de defesa, para durante a viazem moer com suas tiradas filosóficas, nosso último reduto de cortezia: — a consideração.

Tivemos pois que parar definitivamente com o assunto que nos interessava, transferindo, como nas fitas em série, o último episódio para a "próxima ocasião".

Quando o ônibus chegou ao Lido, puxei a campainha, despedi-me de meus dois amigos e desejei-lhes feliz viagem.

No dia seguinte, lendo os jornais da manhã, vi com surprêsa que meu amigo Pantaleão tinha sido préso num ônibus, como louco, por ter dado morras à Constituição.

Achei graça no golpe do Pantaleão para livrar-se de Importunato, meio êste que lhe custou três dias de observação no Hospital Nacional de Alienados...

Salgado e Azêdo

— O ministro não gostou da cara do funcionário e disse lhe incisivo: Ponha-se na rua!
- Que ministro brabo é êsse?!
- E' o da Educação

## A HIDRA

Não pensem que vou escrever a biografia da minha sogra. Absolutamente. A excelente senhora não tem nada de hidra. Quando muito, nos meus grandes dias de bom humor e de benevolência, eu poderia compará-la com dois ou três espécimens dos mais distintos do Instituto Butantã, isto é, a jararaca, a cascavel e a surucucú. Mas de hidra, qual, nem sombras. Esta só se encontra fora de casa, longe da paz do lar, nas ruas mais centrais da cidade ou entre o Arsenal de Marinha e o Campo dos Afonsos.

Nossos colegas da Antigüidade, os jornalistas do século de Pericles, conheciam a hidra de corpo presente e nos seus artigos de fundo diziam dela coisas assás interessantes. Mas naquele tempo, se bem que a hidra já houvesse sido espatifada milhares de anos antes, ainda fazia as suas correrias e dava dor de barriga em muita gente. Depois não se falou mais nela, até que últimamente, de cinco em cinco anos, temo-la ressurgida nos quartéis, nas repartições e nas esquinas da Avenida.

Cá por mim estou que se trata de bicho inofensivo, que tem mais rabo do que cabeça e nisso se parece antes com um orçamento do que com um papão ou com um tatú. Mas meu colega Reis, subchefe de minha seção, violinista notável e eleitor pago, garante que a hidra é um fato e até mesmo que já comeu muita gente bôa.

Também minha sogra, que em matéria de bichos só conhece os 25 da lista, mas que não admite haver algum que lhe meta medo, anda a dizer-nos, na hora do jantar, que a hidra está com a dentuça de fora, papando gente e correndo pela cidade como um limpa-trilhos feito de sabres, de carabinas e de tanques.

De todos nós só quem vai nessa onda é o garoto; tanto assim que me pediu fôsse ao Arsenal com êle, porque dali pode ver-se a bicha sair do mar para preparar um reconhecimento nas ruas. Se tivesse tempo levaria o pequeno; mas com a avó na frente, armada de célebre guarda-chuhva que foi do marido. Êsse chapéu de sol é ainda daqueles que têm mola servindo para fechar a barraca. E' uma arma terrivel; dá um bruto estouro quando se puxa a tal mola. Serve, em último caso, para meter medo à hidra, caso ela se atreva a querer enfrentar minha sogra, o que duvido muito.

Se alguns dos mais autorizados colegas do jornalismo de opinião a dois cruzeiros me permite aventar uma hipótese sôbre a tal hidra, com a devida vênia e sem a mais leve sombra de intenção de desfazer nos presentes, ouso declarar que a hidra que anda por

GRIPES ? TOSSES ? BRONQUITES ? ASMA ? COQUELUCHE ?
XAROPE PEITORAL PAULISTA
De grande eficiência nas moléstias do aparelho respiratório
Produto do Lab. Farmacêutico das
INDUSTRIAS REUNIDAS DE JOSÉ STEFANINI
Av Londres, 416 — Bonsucesso — Fone: 30-5540

aí a empalidecer os burgueses pacatos é um bicho de papelão, que deverá figurar em um dos carros de crítica do futuro Carnaval.

Pode ser que me engane, mas os meus eminentes colegas, cujas convicções são superiores, me perdoarão a imodéstia de semelhantes afirmações. Êles verão logo que sou um simples funcionário, carregado de família, e que estou sugestionado pelas razões do voto, pelo ardor patriótico do colega Reis, o violinista, e pela senhora minha sogra. Não sou político e não entendo disso. A hidra pode mesmo bem ser um fato. Dizem mesmo que ela tem um quepe no cocuruto...

—◇—

## ENCONTRO DESENCONTRADO

No trem das sete, recolhendo pacatamente ao lar sua velha carcassa de aposentado, Gurjão deu de cara comigo, na ocasião em que eu metia um embrulho no banco para garantir o lugar.

— Olá ! Por aqui ?

— Estou agora na Piedade.

— Deixou a Cidade Nova ?

— Há seis meses.

— Isto aqui é mais barato.

— Engana-se, meu velho, só a passagem custa o dôbro com a desvantagem de se viajar no engate.

— Mas a casa ?

— E' um pouco maior, mas o quintal me foi alugado como sítio, pelo fato de ter três mamoeiros e uma touceira de bambús.

— Tem a feira perto ?

— Pertinho ! Mesmo na esquina.

— E' vantagem.

— Concordo. Mas há falta dágua.

— O encanamento passa perto.

— Pertíssimo, mesmo no fundo do quintal, mas não se pode tirar dêle uma derivação porque inundaria a casa; neste caso tenho que buscar água na bica da esquina, que é de ferro e cimento armado.

— E o aluguel ?

— Custa mais caro mil cruzeiros por mês.

— Os ares são melhores, respira-se mais à vontade.

— Assim disse o procurador do proprietário.

— Quem é êle ?

— Não sei ; tem o nome de *seu* Chico:

*Seu* Gurjão empalideceu. Chico era justamente o procurador. O proprietário era êle, em pessoa...

—◇—

## QUASE

Anastácio (êste é seu feitio habitual) tirou o chapéu para o automóvel que passava e o fêz com tanta veemência que parecia ir dentro dêle o Xá da Pérsia, o Can da Tartária ou o Emir da Bucária, isto é, algum animal raro que nossos filhos não verão mais.

— Quem é ? — perguntei. Pareceu-me que o auto vai vazio.

— Talvez. Mas é o automóvel particular do d o u t o r Josué Mucunã.

— Quem é êsse cavalheiro ?

— Não o conheces!? Pois foi quase escolhido para o elevado cargo de ministro de Estado dos negócios do fomento público.

— Ora bolas !

— Cala-te ! Não fales assim desrespeitosamente de um homem que teria sido uma potência política da nossa cara Pátria !

Mas não foi.

— O fato de não ter sido não quer dizer nada. Sua candidatura está posada e, na possível vaga da Pasta, o doutor Josué está previamente indicado. Bem vês...

— Não vejo nada. Quase ministro ! Ora, pílulas ! Para mim isso só tem uma importância real: na concorrência contra o seu adversário êle mostrou que não tinha o mesmo altíssimo grau de caradurismo e foi vencido na concorrência.

Anastácio fitou-me com terrível olhar de raiva e de terror:

— Como ousas falar assim da personalidade dos nossos homens de Estado ?

— Eu não ouso coisa alguma, eu traduzo o modo de sentir geral. Além disso, cada um de nós é sempre um quase qualquer coisa... Tu também: tu és quase idiota...

Atraquei-me com êle...

—◇—

— Essa história de reajustamento não está certa.

— Por que achas isso ?

— Porque re-ajustamento devia ser ajustamento para trás, para menos, e o negócio é de aumento.

# A Canasta

POIS amigo Sousa, a canasta é talvez o único vício que até hoje se me meteu no corpo. Em minha casa é sempre obrigatório. Já se sabe: — acaba-se o jantar e vai-se para a "canasta". Jogo eu, joga a mulher, joga a sogra, jogam os filhos e, às vêzes, até joga a copeira, depois de ter arrumado a cozinha. Podemos passar sem sopa ou sem sobremesa. Sem umas partidas de "canasta" é que ninguém passa e eu muito menos...

E o Sousa meneava que sim, que o jôgo era um entretenimento sem igual, todo êle concordância, os olhos untuosos pendurados na cara do chefe de seção. Se o sr. Teixeira tinha o vício da canasta é porque a canasta era o melhor dos vícios. Desde que sentira a preferência do chefe, tôda a sua vida era um agradável esforço para se tornar como que o papel carbono do sr. Teixeira. E se êle achava que era assim...

— Diga-me uma coisa, amigo Sousa, sabe jogar canasta, não sabe?

— Oh sr. Teixeira, pois claro que sei!

E ficou a remoer que aquela mentira era bem compensada pela satisfação que se estampara na face do chefe.

— Estou cá a pensar uma coisa, amigo Sousa. Quinta-feira, eu e minha mulher vamos a sua casa depois de jantar e fazemos uma parceiradazinha.

Sousa engoliu em sêco. Tentou um débil "Eu acho que...", mas o autoritário "Está combinado" do outro, decidiu o assunto.

Às 6 horas saiu e percorreu livrarias da cidade, comprando tudo que se relacionasse com a canasta. Chegou a casa, contou à mulher e depois de um jantar engolido às pressas, lançaram-se os dois aos livros.

Aquilo era caso de honra. Quinta-feira, à noite, tinham que saber jogar canasta. Desataram os embrulhos que êle tinha trazido. Havia de tudo. Desde a história do aparecimento do jôgo na Argentina, até uma especulação mais ou menos científica do que seria no ano de 1999 a canasta atômica, tudo se encontrava espalhado na mesa da sala de jantar do Sousa. Êste esfregou as mãos e lançou-se ao trabalho, acompanhado carinhosamente pela espôsa. Pelas 11 horas começaram a zangar-se. À meia-noite insultavam-se ferozmente e o Sousa ainda ouviu as três horas antes de se deitar. Nessa altura sabia tanto de canasta como do idioma industânico e começava a sentir-se vagamente inquieto. Teve um sonho em que aparecia o sr. Teixeira vestido de balandrau.

O dia seguinte no escritório foi de agonia. Sufocava com uma idéia fixa: "como aprender a canasta?... Como aprender a canasta?"...

Saiu a correr e visitou todos os seus amigos. Nada. O Joaquim não jogava; o Nunes só a bisca; o Sebastião teria todo o gôsto em ensinar-lhe a "pedida" e assim por diante. Quando chegou a casa a mulher estava na mesma. Tinha interrogado a leiteira, o padeiro, o merceeiro, a mulher da hortaliça, chegara mesmo a telefonar para o 928, mas ninguém lhe explicara como era aquilo de canasta.

E o relógio continuava a avançar calma e irritantemente...

Na quarta-feira o Sousa, com os olhos desvairados e um frêmito a percorrer-lhe o corpo, foi aos telégrafos e mandou um telegrama, com resposta paga, a um primo que era porteiro de um cassino no Norte. Daí a algumas horas recebia informações detalhadas sôbre a maneira de ganhar sempre à roleta, e ao bacará.

Sousa não se deitou aquela noite. Contou as tábuas do soalho do corredor, as moscas que estavam na sala, verificou que no seu relógio as meias horas tinham 30 minutos precisos e cada minuto 60 segundos absolutamente certos.

De madrugada saiu. Estava na quinta-feira e nessa noite fatídica o sr. Teixeira aparecer-lhe-ia. Começou a odiar o sr. Teixeira, ou por outra, o Teixeira, êsse individuo abjeto que, com certeza, projetara tudo isso só para o prejudicar. Não podia ser outra coisa. Aquilo era uma odiosa maquinação.

E num assomo de revolta fêz as derradeiras tentativas para se salvar.

Foi a um apartamento em Copacabana onde jogavam às escondidas. Interrogou os presentes um por um. Prometeu cuidar do futuro àquele que lhe ensinasse a canasta. Foi apupado. Desnorteou. A barba de três dias, a roupa suja, a cara desfigurada, atraiam olhares de compaixão. Sentou-se num bnco de jardim e deixou-se ficar remoendo rancor homicida à canasta e ao Teixeira, que só queria o seu mal. As horas passaram sôbre êle e só despertou quando soaram cinco badaladas no relógio da igreja. 5 da tarde! Daí a pouco sairiam os seus colegas do emprêgo e entre êles lá viria, flamante e satisfeito, o canalha do Teixeira. Então uma fúria o tomou. Caminhou febrilmente até àquela casa em que durante tantos anos passara 7 horas diárias e aguardou... A mão criminosa afagava comprido canivete. Quando Teixeira saiu a coisa passou-se tão ràpidamente que ninguém pôde intervir.

• ◇ •

O Sousa esteve inconciente enquanto durou o interrogatório. Só tomou noção das coisas depois de estar na cela. Inspecionou-a com olhos semicerrados e divisou num canto uma figura agachada. Aproximou-se. Um homenzinho insignificante fazia paciências com um baralho de cartas. Fixaram-se por uns momentos e o homenzinho inocentemente pronunciou a frase que lhe foi fatal:

—Ainda bem que você já está melhor. Sempre nos podemos entreter, pois isto aqui é atrozmente aborrecido. À falta de melhor, tenho aqui umas cartas... Olhe, vamos jogar uma coisa que tôda a gente sabe: a canasta.

O Sousa foi processado por duplo assassinato...

AGORA NO FUTEBOL, AOS SÁBADOS E DOMINGOS
À TARDE, O NEGÓCIO É CONTINUAR OUVINDO A

# Rádio Mayrink Veiga

• Uma emissora da Organização Victor Costa

porque também nos esportes a Mayrink não perde uma!

- NOVO SISTEMA DE IRRADIAÇÕES!
- Muito mais INFORMATIVO!
- NOVA EQUIPE DE LOCUTORES!
- Muito mais VIBRANTE!

comando geral de
RUI PORTO e BRAGA JÚNIOR
supervisão de
LÚCIO GUIMARÃES

PATROCÍNIO EXCLUSIVO DA
BRAHMA CHOPP

que também nos esportes...
é o melhor da festa!

# PAULO E VIRGINIA

QUANDO Paulo casou-se com Virgínia, tinha apenas 22 anos: 22 anos! E ainda há quem se admire de na guerra terem sido mandados para a "frente" rapazes de 17 e de 18 anos! Mas gostou dela. Foi Virgínia a primeira mulher que êle amou, como Virgínia foi o primeiro fumo que fumou. São gostos, e sôbre gostos ainda não está nada definitivamente escrito. Virgínia era loura, tinha o nariz arrebitado e pelinhos de mau gênio no dito cujo. Paulo, porém, muito integrado naquele preceito popular que diz que o nariz não é feição, não ligou nenhuma importância a essa particularidade nasal da sua pequena — e casaram-se.

Passados uns meses — aqueles meses que, na vida conjugal, são os primeiros "rounds" nas lutas de "box", em que os contendores estudam o jôgo um do outro — veio a primeira zanga. E depois outra. E outra. E em breve aquilo já ia a duas sessões por dia, como nos teatros: Uma ao almôço e outra ao jantar, não contando, é claro, com os domingos, em que êle estava em casa de tarde e, então, se realizava sempre animadissima e barulhenta "matinée"...

E Paulo ia agüentando tudo, submetido à idéia de que o casamento era assim mesmo. Pelo menos era assim que faziam os vizinhos de cima e os do lado e os de baixo e os da frente e os do fundo...

◇

Certa vez — havia já a enormidade de sete horas e meia que não se zangavam — quando, de repente, romperam num sarapatel de ralhos, gritos, invetivas e outros projéteis com que se costuma manifestar a cordialidade conjugal...

Virgínia dizia que era uma infeliz (coisa que as mulheres dizem sempre que se zangam com os maridos), que ia para casa da mãe (outra coisa que elas nunca deixam de dizer) e que êle, Paulo, já não era o mesmo que fôra dantes (terceira afirmação infalível em casos desta natureza).

— Sim, já não és o mesmo! E eu que era tão feliz em casa de meus pais.

É sempre assim. Elas foram sempre muito felizes em casa dos pais, mesmo quando a mamãe e o papai eram umas feras que não as deixavam chegar à janela, não permitiam que puzessem nem uma côr na cara e as obrigavam a trabalhar na cozinha...

Foi isto mesmo que Paulo pensou e então explodiu:

Também vivia eu em invejável paz quando era solteiro e agora é o que se está vendo... Aborreces-me, chateias-me, tiras-me a vontade de trabalhar. És a pior catástrofe da minha vida!

E saiu, batendo a porta.

Virgínia ficou só e começou a chorar. As palavras do marido esmagaram-na. Chamara-lhe catástrofe, nunca lhe perdoaria! E chegou à conclusão de que não podia viver mais ali, debaixo do mesmo teto. Sim, devia ir-se embora daquela casa. Não para sempre... Mas, enfim, por um tempo, para lhe dar uma lição... Iria para o lar materno onde o seu quarto e o seu lugar à mesa estavam vagos! (E a janela fechada? E as pinturas e o "baton" deitados à pia? E as mãos estragadas na cozinha? Mas de nada disto se lembrou Virgínia. Estava resolvido! Ia-se embora! Era o melhor!

Escreveu uma carta lacônica:

*Vou para casa de meus pais. Logo mando buscar minhas coisas. Não penses em ver-me mais, que eu não quero continuar a ser tua catástrofe.*

*Virgínia*

Pôs a carta em cima do "toilette", enfiou um casaco — e abandonou aquêle ninho de encantos... e de sensaborias.

◇

Na rua Virgínia caminhava como se quisesse levar o Mundo adiante. Os punhos apertados, os braços em movimento rítmico e enérgico, o ruído sêco dos tacões sôbre o asfalto, tôda ela parecia querer dizer: "Aqui vou eu!".

E, de fato, ali ia ela... e ia quase arrependida... Pensou em Paulo. Que cara faria êle quando chegasse e visse a casa vazia? Lia a carta dela. Com certeza ficava pálido... Até talvez lhe tremessem as mãos enquanto lesse... Depois, abandonava-se num sofá, vencido pela fatalidade daquela decisão. Ou lançar-se-ia a correr para casa da mamãe, a pedir-lhe que voltasse? Que faria Paulo sòzinho em casa? Ah! Como ela gostaria de ver!

E se ela visse? Podia perfeitamente... Voltava para casa, escondia-se debaixo da cama e, quando êle viesse, podia ver tudo sem ser vista! Ai, que engraçado! E se bem o pensou melhor fêz. Regressou a casa e buscou uma posição estratégica debaixo da cama.

Êle devia estar a chegar...

◇

Daí a bocado ouviu a chave a abrir a porta e, depois, a voz de Paulo:

— Virgínia!... Virgínia!...

Paulo entrou no quarto. Virgínia sentiu um calafrio quando o viu dirigir-se para o "toilette" e pegar na carta... Do lugar em que estava escondida, diligenciou ver-lhe a cara. Pareceu-lhe muito triste... Paulo deixou-se cair no sofá... (Tal como ela

previra !) E, com a cabeça entre as mãos ficou assim uns momentos. Depois, inexplicàvelmente, levantou-se a cantarolar um samba...

— Teria endoidecido com o desgôsto ? — não pôde deixar de pensar Virginia.

Ouviu que o marido discava um número no telefone. Depois, começou a falar, em voz alta:

— Alô ! És tu, Eduardo ? (Eduardo era de todos os amigos de Paulo o que ela mais detestava). És tu ? Olha lá, tens que fazer hoje à noite ?... Não ?... Vamos onde tu quiseres... Está-me a apetecer uma parôdiazinha... Quem ? A Virginia ?... Foi para casa da mãe ! Para mim é como se tivesse morrido... Que a mãe lhe seja leve... Recuperei minha liberdade ! A escravatura foi abolida ! Estou alegre como um tico-tico ! Pois claro, ceamos juntos... Fixe... Até logo !

Virginia estava revoltada ! Com que então alegre como um tico-tico ! E ela que chegou a temer que êle se matasse, quando se soubesse abandonado ! Traste ! Mariola ! Como um tico-tico anh ?!

Conteve os soluços que lhe enchiam o peito, para não se denunciar. Ele andava numa roda-viva. Penteou-se, arranjou-se e saiu.

Virginia tinha doridos o corpo e a alma. Malvado ! Não a amava ! Nunca a amara ! Agora é que era certo ! Iria para casa da mamãe. Não o queria mais ver ! Nunca mais ! Chegou-se ao "toilette" para ver no espelho como o "rimel" lhe corria em lágrimas negras pela cara e encontrou, no mesmo lugar em que deixara a carta, um bilhete escrito pelo Paulo. Dizia assim:

*.. Quando te esconderes debaixo da cama, não fiques com o pé de fora. Nossa próxima discussão será amanhã. Hoje não penses mais nisso e arranja-te que vamos à cidade jantar.*

—◇—

## PERVERSOS!...

Gervásio estava lendo o jornal quando Alcides bateu-lhe no ombro:

— Vamos lá, seu chefe.

— Aonde ?

— Ao Palácio da Justiça.

Gervásio deu um pulo na cadeira:

— Irra ! Acabei de ler, agora mesmo, notícia a respeito das cobras.

— Então vamos...

— ... ao Palácio da Justiça ? Mas, escuta cá. Quando éramos crianças sempre ouvimos dizer que a Justiça tinha uma venda.

— E ainda tem...

— Não nego. Entretanto, forçoso é confessar que a Justiça melhorou de sorte. Tinha uma venda e agora tem um palácio !

— E' que a venda rendeu. E' da escrita.

## Aulicismo

— Mas como está o Armando Falcão legalista !

— Não é bem legalista, é legalette ..

—◇—

# CUMPRIMENTOS

NÃO sou pessoa muito relacionada nem tenho a importância de certos cavalheiros que vão pela rua desfilando entre alas de amigos e admiradores. Tenho, como tôda gente, certo número de pessoas conhecidas, homens, velhos, mulheres e crianças, que sabem meu nome e conhecem minha insignificância social.

Apesar disso, ensinaram-me a ser cortez, polido, amável, urbano e mais que seja, de modo que, na rua, me vejo forçado a cumprimentar as pessoas de minhas relações e mesmo aquelas com quem mantenho conhecimento. E, não obstante essas pessoas ficarem em número consideràvelmente inferior a dez mil, confesso que me é sumamente cacête e desagradável fazer cara risonha e dar de chapéu a tôdas elas, por mais intimas ou estimáveis que sejam.

Já tentei reduzir o número dos meus cumprimentos e até mesmo já organizei campanha de difamação contra êsse hábito atrazado, reacionário, pusilânime e servil que prova apenas sermos pobres de imaginação e de ânimo, praticando cortezias onde não há mais côrtes e fazendo salamaléques como libertos ou escravos que sempre reconhecem um *Senhor* qualquer naquele que lhes faz o mal ou poderá fazer pior.

A campanha não deu resultado: hoje, no Rio, o número de cortezãos é maior do que a encomenda e vê-se nas ruas verdadeira revoada de chapéus esvoaçando no ar em movimentos incriveis de urbanidade.

Mas eu me revolto sempre e ainda. Decidi acabar com isso. Quem quiser ser meu amigo seja, quem não quiser vá pentear macacos. Não estou mais disposto a abater o meu chapéu a *senhor* nenhum nem a sorrir a nenhuma *senhora*.

Não obstante, como o faço por principio e não por brutalidade, resolvi publicar em todos os jornais declaração à praça, formulada nos seguintes têrmos:

"Aos meus amigos:

"Declaro que desta data em diante fica abolido, de minha parte, o cumprimento que costumava dispensar na rua aos meus conhecidos, amigos, parentes etc.

"Peço a tôdas as pessoas, a quem esta interessar possa, que se considerem cumprimentadas por mim, até o fim do ano. No ano que vem repetirei esta declaração, se alguém reclamar ou se se julgar melindrado pela falta expressa de minhas saudações."

Feita, assinada e publicada esta declaração, quando os meus amigos me interpelarem eu responderei tranqüilamente:

— Leiam os jornais de 20 de Março dêste ano.

*Bob*

CLICHE'S

**Aceitamos encomendas de clichés:**

TRAÇO
FOTOGRAVURA
TRAÇO E FOTOGRAVURA
DOUBLE'S

Entrega rápida
**PREÇOS RAZOÁVEIS**
RUA FREI CANECA, 383
TELEFONE 32-3721

# Pontífices

HÁ nos jornais uma seção que me parece desnecessária e mesmo impertinente: a de critica musical. Vejamos porque.

Em certa época do ano realizam-se no Rio concertos e espetáculos de ópera lírica. Um cidadão qualquer, dispondo de uma coluna de jornal, arvora-se em autoridade e nos diz, no dia seguinte ao do concêrto ou da ópera, que aquilo foi sublime ou que foi uma borracheira, que fulano brilhou mas ciclana desafinou. Ora, quem lá não esteve não pode achar interesse nesses comentários e quem esteve não precisa dêles.

Se uma pessoa, para saber se o que ouviu foi bom ou mau, precisa esperar vinte e quatro horas pela opinião do critico, muito melhor fará guardando seu rico cobre, deixando-se ficar em casa. Se sabe julgar sem auxilio de outra pessoa, há de ter ocasião de achar a critica ou ociosa, porque reproduz a opinião geral, ou idiota, porque é ditada por uma maneira pessoal e errada de julgar o desempenho.

A letra de fôrma, ai de nós! ainda goza de grande prestigio.

A crítica musical tem ainda o inconveniente de matar ilusões. O comum dos espectadores, que não conhece sutilezas artísticas, pode muitas vêzes ter achado agradável aquilo que o crítico, algumas horas mais tarde, lhe vem cruelmente dizer que foi pífio.

Os profissionais da arte parecem-se às vêzes com os gramáticos, raça malfazeja, que infelizmente não se extingue nunca: deleitam-se com chinesices que, para o comum dos mortais, são incompreensíveis.

Além disso, a crítica musical é muitas vêzes parcial. As artistas bonitas dificilmente são atacadas. Os artistas do sexo masculino, ao qual geralmente pertence o crítico, são desancados sem a menor cerimônia.

Os mentores são quase sempre aborrecidos, e ainda mais aqueles a quem ninguém pediu a opinião e que a manifestam com ares de superioridade, assim como quem diz:

— Papalvos ! Vocês ôntem foram à ópera mas, como são muito ignorantes e não podem ter saído do teatro com julgamento justo acêrca dos artistas, eu, que sou sabichão, vou dizer-lhes como aquilo correu.

Isso é, positivamente, um desafôro !

Para agradar aos leitores (a mim, pelo menos) os jornais deveriam dar apenas notícia da impressão causada aos espectadores pelo espetáculo. Isso não é difícil de aprender, apesar da claque.

O fato de um cidadão julgar-se investido de poderes par elogiar ou censurar artistas, poderes que ninguém lhe confiou, mostra apenas que a presunção continua a ser muito abundante neste mundo, mais abundante mesmo do que a água benta.

## NADA DE EQUÍVOCOS !...

G. Bernard Shaw, consoante era lógico em autor que alcançara os louros e a fortuna na literatura teatral, detestou e hostilizou de princípio o cinema, no tempo do mudo, chegando a escrever, no seu peculiar tom motejador: "sim, o cinema pode converter-se em Arte, mas com a condição de suprimir o filme e projetar apenas as legendas".

Isto foi por volta de 1930. Mais tarde, porém, quando inventado o cinema sonoro, mudou de parecer e exteriorizou mesmo seu encanto perante o novo processo de espetáculo. Atitude que encorajou, claro está, os cineastas a proporem-lhe a filmagem de produções extraídas das suas mais festejadas peças. Foi então um assalto, sobretudo da parte dos norte-americanos.

Um dêsses potentados dos estúdios de Hollywood, hoje talvez já em total eclipse mas que à data se encontrava no zênite da grande indústria, atravessou de propósito o Oceano para ir conferenciar com o insigne dramaturgo e adquirir-lhe as necessárias autorizações.

Aprazada a entrevista, o cineasta, que, como às vêzes sucede entre gente da sua laia, sentia uma espécie de pudor, perante tão célebre artista, em mostrar que só o lucro o movia, diligenciou envolver a sua proposta numa atmosfera de certo modo espiritual. Disse, pois, a Shaw:

— Meu caro mestre. Sei bem que os senhores, cá na Europa, formam desfavorável idéia de nós, supondo-nos atascados em materialismo e ambiciosos apenas de frutos pecuniários, indiferentes a tudo mais. Não, nem sempre é assim. Pelo menos na produção cinematográfica, pelo que lhe garanto que a transposição das suas peças será feita com os maiores cuidados e o carinho de que são merecedoras. Sim, nós lá em Hollywood somos industriais, é verdade, mas somos ao mesmo tempo poetas.

Ao ouvir esta última palavra, Shaw como que deu um pulo e interrompeu, sarcàsticamente:

— Quê ?! O senhor é poeta ? Ah ! nesse caso fiquemos por aqui. Vejo que não poderíamos chegar nunca a acôrdo: porque eu, saiba o senhor, sou homem de negócios...

## O Beneficiário

Capanema — A anistia alcança o Prestes?!
Vieira de Melo — Não. Mas alcança o **Lott**...

### PÁSSARO ESPERTO

**O japim, japi, japiim, João conguinho e guiratangueima, também conhecido por xexéu é uma ave da familia dos Icterideos.**

✧

O japim é a ave mais brincalhona que existe. Vive pilheriando, caçoando e rindo-se dos outros. Gosta de imitar todo mundo. E' o verdadeiro palhaço da floresta. Com seu modo brincalhão faz, às vêzes, muitos inimigos. Debica dêste; caçôa daquele. E assim vai passando a vida.

Acontece, porem, que muitos não gostam de tais brincadeiras: a saracura (frango dágua), por exemplo, muito convencida de sua importância, não gosta que bulam com ela; nem as piaçocas (jaçanãs), nem as marrecas. O tucano, então, nem se fala. Fica danadinho da vida se com êle mexem.

Ora, o japim — como se diz vulgarmente — não respeita caras. Tanto bole com a arara, que é mesmo arara; como com o macaco, que é ladino; com a onça, que é braba; e com o javali, que é estourado.

Para êle não há bamba; é tudo na risota, na pilhéria, no pagode.

Acontece com isso que o japim cria uma porção de inimigos. Uma vez é o tatú que fica amuado, porque caçoou do seu casco: outra vez é a garça que se zanga, porque falou de suas pernas finas — e assim por diante.

Um belo dia, as aves que não gostavam do japim resolveram desforrar-se. Quando êle estava para a feira, chegaram perto de sua casa, desarrumaram tudo e amarraram-lhe os filhinhos.

Quando o japim voltou e viu aquilo ficou desesperado, mas não podia vingar-se de todos os pássaros.

Então que fêz êle? Foi conversar com a vêspa, que morava muito longe, e convidou-a para madrinha dos pirralhos. A vêspa aceitou, mas disse ao japim:

— Contanto que você faça sua casa perto da minha, que é para que possa cuidar dos afilhados.

Dito e feito. O japim, mais que depressa, procurou um lugarzinho perto da casa da combadre. Teria assim a proteção dela e garantiria a tranqüilidade dos filhos.

— Desde então observa-se isto: sempre onde os japins fazem seus ninhos, há, por perto, alguma casa de marimbondos. Vivem quase em comum. As vespas vigiam os filhos do japim.

Por êsse motivo os indios e os cabôclos do Amazonas garantem que êles são compadres.

— ✧ —

### AS MAIS CURIOSAS NOTÍCIAS

**Seattle** — Condenado a 3 anos de prisão e posto em liberdade condicional, o meliante Carl F. Sunde declarou que furtou um carro, porque lhe era absolutamente necessário para ir visitar o oficial de policia, ao qual tinha de apresentar-se regularmente de quinze em quinze dias até a terminação da pena.

**Cleveland** — A senhora Loretta Giarizzo, de setenta anos de idade, reclamou 25.000 dólares de indenização ao pintor Stanley Gonsiot, a quêm havia encarregado de pintar sua garage, porque, enfurecido pelas observações que ela lhe fizera sôbre o (mau) trabalho, pegou dos pincéis e pintou seus braços de verde

# Rádio Copacabana

**Ondas médias 680 Kcs.**

**Ondas curtas 4.965 Kcs.**

Apresenta todos os sábados,

a partir das 21,00 horas,

## Rádio Baile d'A QUERIDINHA

UMA OFERTA D' **A QUERIDIHA,** A CASA QUE VESTE BEM SEUS FILHOS.

**Rua Arquias Cordeiro, 269-Méier**

Bem em frente à Light

E' notável A QUERIDINHA !

# O ESCREVENTE

HAVIA já muitos anos que, com freqüência, tinha eu necessidade de ir ao cartório do tabelião Praxedes, ora para o reconhecimento de firma, ora para a extração de pública forma, ora por causa de alguma procuração e outras mil formalidades forenses.

Ao cabo de certo tempo começou a impressionar-me a figura de um dos escreventes do cartório. Nunca entrei naquela sala, atravancada de mesas, cadeiras, armários, máquinas de escrever e outros utensílios, e sempre cheia de clientela heterogênea, de cavalheiros respeitáveis, tipos tapiucanos, intermediários espertalhões, damas de luto e advogados solertes, nunca ali entre que não visse o escrevente, curvado sôbre a banca, absorto no movimento da pena, que corria célere sôbre a imensa fôlha do livro, pousado sôbre um descanso de madeira.

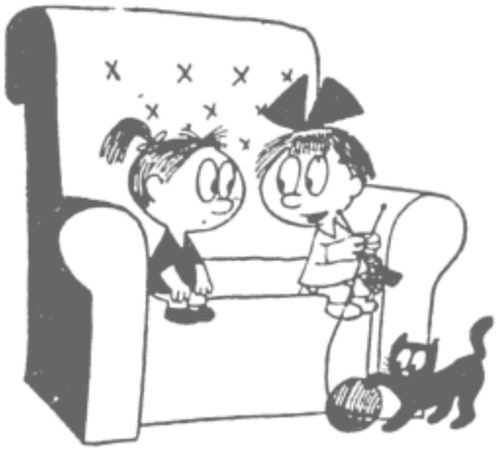
Aquêle homem era de assiduidade feroz, de constância metálica, de resistência lúgubre à monotonia.

Mais de uma vez me pus a fazer cálculos, enquanto aguardava pacientemente que me atendessem: aquêle livro devia ter quinhentas folhas; cada fôlha, de oitenta centímetros de altura e cinqüenta de largura, devia ter em cada face, pelo menos, sessenta linhas... E assim ia tudo, até calcular o número de quilômetros que aquêle pobre homem já devia ter escrito de coisas tabeliôas: "... e por assim haverem acordado, como de fato acordam as partes contratantes, eu, Fulano de Tal, escrevente juramentado etc., etc." Aquilo todos os dias, de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano!

— Como podia resistir?

— Pelo hábito!

—x—



— E' verdade, estou à espera de uma boneca...

Aquêle homem, cuja careca via progredir à medida que a escrituração do livro ganhava novas folhas, estava ali, todos os dias, durante as mesmas horas, na mesma posição, escrevendo as mesmas coisas convencionais e rançosas.

No cartório, passou êle a ser o objeto das minhas meditações. Se, de repente, o arrancassem àquela mesa, àquele livro e o metessem num navio que fôsse diretamente ao Japão, o soltassem numa rua de Yokoama, que faria êle? Morreria talvez; ou então agarraria a primeira "musmé" que encontrasse e, sacando do bolso a caneta-tinteiro, começaria a escrever-lhe nas costas, sôbre o quimôno: "... e eu, escrevente juramentado etc., etc.".

Mera fantasia. Aquêle escrevente já estava tão intimamente ligado à sua cadeira, ao seu livro e à sua mesa, como o D. Pedro II da estátua de Petrópolis à sua poltrona e ao seu pedestal. Era um todo insuscetível de se desarticular.

Um dia, grande surprêsa, não vi o homem à banca. Indaguei. Tinha-se retirado do serviço. Casado, sem filhos, havia feito economias e comprara um sítio para os lados de São Gonçalo.

Seria possível essa mutação, de escrevente juramentado para agricultor ou avicultor em São Gonçalo?

Pedi informações mais minuciosas e fui à cata do homem, mas como por acaso. Dei com êle na estrada, a cavalo, com imenso chapéu de palha, aprumado, olhando com evidente prazer os aspetos da Natureza.

Confesso que, disfarçadamente, o segui e observei; mas até hoje não estou convencido de que êle não levasse sôbre o arção o livro onde escrevia "e eu, escrevente juramentado etc., etc.".

—◇—

## QUANTO MAIS BARATO... PIOR

Felipe, sobrinho do cura, casou-se, e depois da cerimônia, o tio disse-lhe amavelmente:

— Que sejas feliz, Felipe!

— Obrigado, padre e perdoe-me por não poder dar-vos mais de cinqüenta cruzeiros, pois é só o que tenho.

O cura aceitou e despediu-se dos noivos.

Alguns meses depois encontraram-se tio e sobrinho e o cura perguntou-lhe:

— Como vais de casamento?

Mal, padre, mal. Não me dou bem com minha mulher. Aquilo não é casa, é um inferno!

— Homem, sinto muito, mas por cinqüenta "pratas" não podias arranjar coisa melhor.

# MOMENTOS

terça feira,
às 20,30
é dia de

na

## RÁDIO MAYRINK VEIGA

ORGANIZAÇÃO VICTOR COSTA

apresentação de

LEVER

**AGORA TAMBÉM EM ONDAS-CURTAS!**

Nas freqüências de 9.575 klcs – faixa de 31 metros e 11.775 klcs. – faixa de 25 metros

# Vinol

COMBATE A ANEMIA